



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA

JOSE SUELI DE MAGALHÃES

DOS CAMPOS AO CAMPUS

UBERLÂNDIA - MG

2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA

JOSE SUELI DE MAGALHÃES

DOS CAMPOS AO CAMPUS

Memorial Descritivo apresentado ao Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia como requisito para o processo de avaliação para fins de promoção à classe “Titular” da carreira do magistério superior na Universidade Federal de Uberlândia.

Uberlândia – MG

2022



COMITÊ AVALIADOR

Maura Alves de Freitas Rocha (Prof. Titular-UFU)
(Presidente)

Dermeval da Hora Oliveira (Prof. Titular-UFPB)
(Membro Titular)

Carmen Lúcia Matzenauer (Prof. Titular-UFPel)
(Membro Titular)

Gladis Massini-Cagliari (Prof. Titular-UNESP/Araraquara)
(Membro Titular)

Waldenor Barros de Morais Filho (Prof. Titular-UFU)
(Membro Suplente interno)

Seung-Hwa Lee (Prof. Titular - UFMG)
(Membro Suplente externo)

Thaïs Cristófaró Silva (Prof. Titular - UFMG)
(Membro Suplente externo)



DOS CAMPOS AO CAMPUS

AGRADECIMENTOS

*Pelo meu caminho passaram muitas pessoas que foram fundamentais para a construção do que me tornei no presente. Porém, entre todas a quem tanto devo e muito agradeço, destaco aquela que ainda hoje me guia e me inspira: minha mãe, **Pedrolina Cândida de Magalhães**.*

A ela dedico este memorial; a ela dedico minha vida!

DOS CAMPOS...



Monjolinho de Minas/MG

*Cidadezinha cheia de graça...
Tão pequenina que até causa dó!
Com seus burricos a pastar na praça...
Sua igreja de uma torre só...*

*Nuvens que venham, nuvens e asas,
Não param nunca nem um segundo...
E fica a torre, sobre as velhas casas,
Fica cismando como é vasto o mundo!... (...)*

*Cidadezinha... Tão pequenina
Que toda cabe num só olhar...*

(Mário Quintana)

...AO CAMPUS



Campus Santa Mônica-UFU

O antes não retornará.

O depois poderá não ser.

Portanto, é agora!



DOS CAMPOS AO CAMPUS

IDENTIFICAÇÃO

JOSE SUELI DE MAGALHÃES

Matrícula Siape: 1123421

Naturalidade: Monjolinho de Minas/Lagoa Formosa - MG

E-mail institucional: josemagalhaes@ufu.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4432187190930423>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0268-1826>

FORMAÇÃO

Ensino Fundamental: Escola Estadual José Marciano Brandão – Monjolinho de Minas

Ensino Médio: Escola Tiradentes da Polícia Militar – Patos de Minas

Graduação: Letras, Licenciatura Plena em Língua Portuguesa e suas Respectivas Literaturas – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras – Patos de Minas

Especialização: Universidade Federal de Uberlândia

Mestrado: Estudos Linguísticos – Universidade Federal de Uberlândia

Doutorado: Letras – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/PUCRS

Doutorado Sanduíche: Tilburg University (Holanda)

RESUMO

Este Memorial contém informações sobre a minha história, sobre as trilhas por mim percorridas e que resultaram em quem estou hoje. Fazem parte desta narrativa os caminhos que percorri por estradas, às vezes sinuosas, às vezes retilíneas, e que me fizeram chegar até o ano de 2022. Constam deste texto elementos que se distribuem entre narrativas pessoais e profissionais. As primeiras possuem como fonte lembranças e registros que ainda permanecem vivos na minha mente e povoam cada manhã e cada entardecer de uma história marcada por perseverança, resiliência e crença de que, no tabuleiro de xadrez que é a existência, peças não eliminam outras, mas se juntam umas às outras para a construção de um jogo que só termina quando não há mais vida. As segundas são elencadas a partir de documentos que certificam cada etapa da formação do Professor e pesquisador que me tornei.

SUMÁRIO

1- AS MULHERES DA (NA) MINHA VIDA	11
2- TRAJETÓRIA PROFISSIONAL: DOS CAMPOS AO CAMPUS.....	21
3- FORMAÇÃO ACADÊMICA: DA PAIXÃO PELA MATEMÁTICA À TEORIA FONOLÓGICA GERATIVA.....	25
3.1- Graduação	25
3.2- Pós-Graduação Lato Sensu	25
3.3- Mestrado em Estudos Linguísticos.....	26
3.4- Doutorado em Letras.....	28
4- ATIVIDADES DE ENSINO, PESQUISA, EXTENSÃO E GESTÃO	37
4.1- Atividades de Ensino.....	37
4.1.1- Graduação	37
4.1.3- Pós-graduação	38
4.1.3- Cursos de curta duração	38
4.2- Atividades de pesquisa.....	38
4.2.1- Projetos de Pesquisa	39
4.2.2- GEFONO - Grupo de pesquisa, estudos e banco de dados de fala e de escrita	40
4.2.3- Orientação	40
4.2.4- Trabalhos completos publicados em periódicos.....	48
4.2.5- Capítulos de Livros.....	49
4.2.6- Livros e Periódicos organizados	51
4.2.7- Livro publicado	52
4.2.8- Prefácio.....	52
4.2.9- Participação em eventos, apresentação de trabalhos, palestras e conferências.....	53
4.3- Atividades de extensão.....	53
4.4- Atividades de gestão	55
4.4.1- Coordenação do Curso Letras: Língua Portuguesa com Domínio de Libras (LPDL) ...	55
4.4.2 - Coordenação de Cursos de Pós-Graduação Lato Sensu.....	55
4.4.3- Outras atividades de gestão.....	55
4.5- Outras atividades	56
5- CONSIDERAÇÕES FINAIS	61

1- AS MULHERES DA (NA) MINHA VIDA

Nasci em Monjolinho de Minas, distrito do município de Lagoa Formosa, estado de Minas Gerais. Filho de Lázaro Ferreira de Magalhães (*in memoriam*) e de Pedrolina Cândida de Magalhães, a primeira e mais importante mulher da minha vida, sou o quinto entre sete filhos deste casal.

Filho de família religiosa, passei por todos os momentos que a igreja católica apostólica romana sugere aos seus fiéis: fiz primeira comunhão, crisma, fui coroinha na igreja de São Sebastião em Monjolinho de Minas e recebia a comunhão em todas as missas. Hoje, não posso me classificar como católico, pois não sigo mais os ritos da igreja, mas sou ainda temente a Deus. Nas memórias que hoje me preenchem, minha infância em Monjolinho de Minas foi marcada por muito trabalho e estudo desde idade bastante tenra. A primeira e mais importante mulher da minha vida, Pedrolina Cândida de Magalhães, ensinou-me que, com perseverança, luta e resiliência, nada poderia me deter. E a mim, nenhum obstáculo foi capaz de impedir a realização dos meus desejos e a concretização dos meus sonhos. Mas nada disso se consegue sozinho; sempre há alguém em quem acreditar e que acredite na gente. Revela-se, assim, a segunda grande mulher da minha vida: minha irmã Marisa Aparecida de Magalhães. A primeira, reitero, sempre foi e sempre será minha mãe.

Apenas três meses após completar os 6 anos de idade, já estava matriculado na 1ª. Série da Escola Estadual José Marciano Brandão, sob bravas lutas de minha irmã, Marisa, que já me ensinara elementos básicos de leitura e escrita nas tábuas do assoalho da casa de pau a pique em que morávamos na Praça São Sebastião daquele distrito. Diante das negativas da diretora da escola em me aceitar tão novo na 1ª. série, minha irmã e minha mãe não se deram por vencidas. Puseram-se a argumentar em meu favor, com base no que minha irmã já houvera me ensinado e que eu, por certo, havia aprendido. Não houve contra-argumentos que pudessem derrotá-las; consegui, enfim, ser matriculado.

Neste espectro de memórias de infância, a terceira mulher da minha vida, minha irmã Divina Magna de Magalhães, embora três anos mais nova que eu, foi e continua sendo amiga, solidária,

provida de uma generosidade sem igual. Crescemos juntos, um ensinado o outro, um aprendendo com o outro.

Como revela o título desta seção, minha vida é marcada pela presença de muitas mulheres, todas corajosas, solidárias, amigas e, por isso, admiráveis. Nesse protagonismo feminino em meu roteiro de vida, surge a primeira professora, Dona Ivete Leopoldina Braga. Eu era uma criança tímida, receosa e desconfiada de tudo, por vezes até medrosa. Em um episódio, hoje engraçado, mas temerário naquela época, sentia-me terrivelmente necessitado de ir ao banheiro. Dona Ivete não permitiu. Como muitos alunos solicitavam licença para ir ao que chamávamos de instalação para, na verdade, ficarem fora da sala, Dona Ivete nivelou meu pedido ao desses alunos. Inadvertidamente, fiz o que deveria fazer no banheiro ali mesmo, na sala de aula. Ao perceber aquele líquido amarelado se escorrendo pelos fundos da classe, pude ver na face da professora não um olhar bravo, mas um semblante de arrependimento por não ter acreditado em meu pedido. Por que narrar este episódio, perguntar-se-ia? Esse episódio foi, para mim, a primeira lição sobre como não nivelar as pessoas pelas atitudes de outras. Esse aprendizado persegue minha vida de professor até hoje, o que me faz ter a certeza de que os alunos e, por extensão, todos os indivíduos são diferentes, com atitudes e comportamentos diferentes. E é na diferença que precisamos conviver. Por vias tortas, Dona Ivete ensinou-me uma das grandes lições da vida.

Na 2^a. série, Dona Maria Augusta representou para mim o primeiro amor platônico, comum entre alunos que se apaixonam pelas professoras. Seu carinho e doçura para com os discentes pode ser ilustrado pela atitude tomada comigo quando, certa vez, fiquei docente e acamado por vários dias. Mesmo nessa situação, esforçava-me para estudar e ficar a par do que acontecia na escola. Dona Maria Augusta visitava-me todos os dias. Numa dessas visitas, disse a ela que gostaria de fazer a prova que aconteceria naquele período em que estive ausente. Para minha surpresa, ela levou a prova até minha casa. Todo aquele carinho e consideração foram elementos cruciais para que, mesmo convalescendo, obtivesse nota máxima. Dona Maria Augusta era aquela de quem eu sempre queria estar próximo. Ao final do ano, um presente inimaginável: uma caixa com vinte e quatro lápis de colorir que durou por vários anos, pois não deixava ninguém tocar nela.

Da 3^a. série tenho menos lembranças. Recordo-me que realizávamos experiências com folhas de laranjeira para isolar a clorofila e que a professora, Dona Célia, era bastante severa e aplicava tapas nas costas dos alunos que não a obedeciam. Imagine-se isso hoje em dia!

Na 4^a. série, Dona Aida foi uma professora mãezona e, ao mesmo tempo, extremosa. Minha experiência com ela faz recobrar às minhas memórias o primeiro e único castigo escolar a que

fui submetido na vida. Eu possuía apenas um par de calçados, o famoso kichute, tênis de tecido grosso sustentado por solado e ponta de borracha. Usava-o somente para ir à escola ou a alguma festa. Fora desses ambientes, pés descalços. Tenho a impressão de que aos 9 anos de idade os pés de uma criança crescem numa velocidade maior do que as outras partes do corpo. Assim, meus pés iam crescendo e meus kichutes não mais os suportavam, o que fez com que, certo dia, eu ficasse descalço dentro da sala. Uma colega denunciou à Dona Aida esse fato, acusando odor de chulé, o que devia ser verdade. Foi quando a professora me colocou de castigo em pé, no fundo da sala, com o rosto contra a parede. Não conseguia saber se sentia mais desapontamento com a colega ou com a professora. Nenhuma das duas agiu com empatia, pois não se dispuseram a tentar compreender a razão de eu estar descalço. A colega não tinha maturidade para esse comportamento, mas da professora era o que naturalmente se deveria esperar.

Aluno aplicado em todas as séries, eu gostava mesmo era do fim do ano, pois sempre recebia prêmio por ter obtido as melhores notas da sala: na primeira série, uma camisa; na segunda, uma caixa com vinte e quadro lápis de colorir, na terceira e na quarta série não me vem à memória o que recebi, apenas a certeza de que fui premiado.

Nesse percurso escolar de tanto tempo atrás, chegou a 5^a. série, hoje 6^o. ano. Salta-me à memória um fato inesquecível, envolvendo a Dona Célia, a mesma professora da 3^a. série, agora lecionando matemática. Na primeira prova, cujo valor eram vinte pontos, recebo meu resultado: 7,5. Aquilo fez meu mundo desabar, pois tinha certeza de que havia feito uma excelente prova. Porém, ao verificar a correção, percebi que a professora havia deixado de corrigir grande parte da avaliação. Com grande timidez e receio, não tive coragem de recorrer à Dona Célia. Mostrei a prova à minha prima e colega de classe, Magda Candessouza, que imediatamente dirigiu-se à professora. Uma dor maior do que ver um 7,5 escrito com caneta vermelha na prova senti quando a professora me perguntou: “Você não resolveu essas questões agora”? Essa pergunta feriu meus sentimentos de tal forma que meu primeiro impulso foi chorar, mas contive o choro e respondi que não, e nem teria tido condições para solucionar todas aquelas questões naquele curto espaço de tempo. Graças à prima Magda, Dona Célia reparou o erro, corrigiu o que ficou para trás, e minha nota subiu para 19,5. Desse acontecimento, duas conclusões importantes: a primeira foi a certeza de que o receio e falta de coragem, especialmente quando se está com a razão, podem causar muitos prejuízos; a segunda foi que a verdadeira amizade é capaz de romper muitos obstáculos, incluindo a barreira da desconfiança.

Seguindo o percurso da 5^a. até a 8^a. série do chamado primeiro grau, mantive o excelente rendimento em todas as disciplinas, mas na 5^a. e na 6^a. série, minha maior paixão era Geografia, e essa paixão se somava ao meu segundo amor platônico, agora pela Professora Dona Rute.

Para a minha tristeza e desilusão, na 7^a. série, não tive mais Dona Rute como professora, e, assim, outro amor da minha vida se esvaiu. Finalizando a 8^a. série, eu deveria encerrar por ali meus estudos, haja vista que em Monjolinho de Minas não havia o 2^o. Grau. A opção seria me mudar para Lagoa Formosa, sede do município.

Sem recursos para continuar meus estudos fora da Escola Estadual José Marciano Brandão, surge mais uma grande mulher na minha vida: Maria de Fátima Martins ou, simplesmente, Martins, esposa do meu irmão mais velho. Minha cunhada conseguiu uma bolsa de estudos na Escola Nossa Senhora da Piedade em Lagoa Formosa, escola em que minha irmã Marisa já estudava. Esse colégio só possuía o Curso Normal, formador de professores para as séries iniciais do ensino fundamental. O grande incômodo, porém, não era o Curso, pois o que eu queria mesmo era estudar. Meu motivo de preocupação era que a classe se constituía somente de mulheres, sendo eu o único homem entre cerca de 40 meninas. Senti toda vergonha que um adolescente de 13 anos possa sentir, sofri todo tipo de “bullying” que se possa imaginar. Para me proteger de risos maldosos e xingamentos de outros alunos, eu jamais saía da sala durante o intervalo. Para amenizar minhas angústias, todas as colegas me tratavam com muito carinho e me respeitavam, especialmente porque eu continuava sendo o melhor aluno da classe e todas recorriam a mim quando tinham alguma dificuldade. Se houvesse trabalho em grupo, queriam estar comigo; se houvesse prova em dupla, eu era o parceiro preferido. Eis, pois, mais um conjunto de mulheres na minha trajetória.

O primeiro ano do segundo grau também marcou a única nota abaixo da média no meu percurso acadêmico. Quando consegui me matricular no 1^o ano do 2^o grau, o professor de matemática havia aplicado o primeiro teste do bimestre, cujo valor eram 10,0 pontos. Apesar dos meus argumentos, ele não me permitiu fazer a avaliação. A consequência foi que, na segunda prova, obtive nota 7,5 e esta foi minha média no bimestre de 20,0 pontos, dado que não me foi permitido fazer a primeira avaliação.

Terminado o 1^o ano do segundo grau, surge mais uma grande mulher na minha vida. Ela era tia de minha mãe, mas, na verdade, foi uma grande mãe para muitas pessoas: Tia Ana Maria Cândido ou, carinhosamente, Ti’Ana. Quando minha Ti’Ana se mudou de Monjolinho de Minas para Patos de Minas, levou-me para morar com ela e estudar na Escola Tiradentes da Polícia Militar, onde eu conseguira uma vaga para terminar o ensino médio. Ti’Ana foi, para mim, uma espécie de segunda mãe. Não fazia nenhuma distinção entre mim e seus filhos, da mesma forma que seus filhos tinham-me como irmão. Essa relação familiar foi a responsável por fazer-me juntar forças e seguir adiante. Enquanto Ti’Ana e meus primos me acolhiam, minha mãe, desde Monjolinho de Minas, fazia todos os esforços para me auxiliar. Entre idas e

vindas para concluir o segundo grau, morei também com meus tios Zé Azul e Lia; Zé Maranhão e Gesse e ainda com a inesquecível Dona Dorvalina, tia distante de minha mãe.

Terminado o ensino médio, não havia mais expectativas para seguir adiante, pois a única faculdade de Patos de Minas era particular com o valor da mensalidade fora dos meus padrões financeiros, de grande pobreza. Voltei, pois, a Monjolinho de Minas. Para minha surpresa, logo no início do ano seguinte ao fim do colegial, fui chamado para lecionar na mesma escola onde concluí o ensino fundamental. Este episódio vem na seção seguinte, quando retomarei minha trajetória profissional.

O retorno a Monjolinho de Minas, embora empregado, representou um ano sem estudar, porém repleto de sonhos, imaginando como seria cursar uma faculdade. Após este intervalo de doze meses longe da sala de aula, prestei vestibular na Faculdade de Ciências e Letras de Patos de Minas. Meu desejo era cursar Matemática, mas, naquele ano fora dos bancos escolares, ministrei aulas de Português, o que me fez escolher Letras como primeira opção e Matemática como segunda. Resultado: passei em 4º. Lugar para Letras, mas minha pontuação no vestibular me faria passar em 1º. lugar para Matemática. E assim se fez: cursei Letras Licenciatura Plena em Português e Literaturas.

Meus três anos de faculdade foram de muito sacrifício, pois continuava lecionando em Monjolinho de Minas, distante 55 km de Patos de Minas, onde cursava Letras no período noturno. Durante longos 36 meses eu trabalhei até as 16h30min, caminhava por cerca de 8 quilômetros para pegar o ônibus até Lagoa Formosa, onde tomava outro ônibus até Patos de Minas. Após as aulas, às 23h, retornava a Lagoa Formosa onde pernoitava para, no dia seguinte, às 6h da manhã, voltar a Monjolinho de Minas, agora na carroceira de um caminhão com latões de leite. Este caminhão saía de Lagoa Formosa e me deixava no mesmo local onde, no dia anterior, eu pegava o ônibus. Por vezes, eu chegava em casa machucado, pois, na estrada de terra e com muitos buracos, os inúmeros e pesados latões eram arremessados para cima e machucavam sem que eu pudesse me proteger.

Finalizado o Curso de Letras, permaneci mais quatro anos longe dos bancos escolares. Neste ínterim, contudo, permaneci lecionando na Escola Estadual em Monjolinho de Minas, quando, certo dia, deparei-me com um edital de bolsas para um curso de Aperfeiçoamento para professores do ensino básico, financiado pelo chamado Projeto Vitae, a ser realizado na Universidade Federal de Uberlândia. Surge, então, mais uma grande mulher na minha vida: Profa. Jorcelina Queiroz de Azambuja, a coordenadora do Projeto. A Profa. Jorcelina, ou Jô como carinhosamente a chamamos, é um exemplo de ser humano dotado de uma empatia capaz de acolher e orientar qualquer um, não importa sua origem. Assim, Jô se tornou mais do que

uma professora ou orientadora, passou a ser uma amiga, um farol que iluminava a direção certa não apenas ao aperfeiçoamento como docente, mas como ser humano.

A UFU ainda não possuía mestrado na Área de Letras, mas oferecia cursos de Especialização Lato Sensu com bolsas para os alunos. E assim, logo após o aperfeiçoamento, ingressei-me na Pós-Graduação Lato Sensu em Linguística Aplicada. Nesses dois cursos, além da Profa. Jorcelina, conheci outros docentes que, mais tarde, seriam meus colegas: Maura Alves de Freitas Rocha, Cleudemar Alves Fernandes, Luiz Carlos Travaglia, Luís Carlos Costa e aquele que seria, um ano depois, meu orientador de mestrado, Prof. José Olímpio de Magalhães.

Terminado o Curso de Especialização, permaneci outro ano fora dos bancos escolares para, na sequência, ingressar no recém-implantado Mestrado em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia. Neste momento, já era professor do Instituto de Letras e Linguística desta instituição, detalhes que descrevo na seção seguinte.

Antes de ingressar no Mestrado já havia me mudado para Uberlândia para trabalhar em um curso pré-vestibular. O registro de minha trajetória profissional consta da seção seguinte. Esta referência, aqui, à minha atuação no pré-vestibular se faz necessária para aludir a outra importante mulher na minha vida: Dona Cármen Sílvia Costa, coordenadora da área de língua portuguesa e redação do referido curso. Eu tinha 23 anos, quando Dona Cármen, por recomendação da Jô, recebeu-me para uma entrevista. Uma conversa prevista para durar sessenta minutos não durou mais que dez e eu já estava contratado. Esse breve encontro se transformou em uma intensa amizade que ainda permanece.

Concluí o Mestrado em agosto de 2000, com uma pesquisa que investigou elementos da aquisição fonológica. Imediatamente, submeti projeto ao curso de Doutorado em Letras da Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul (PUCRS). Surge, aqui, outra grande mulher na minha vida, a Profa. Carmen Matzenauer. Durante o mestrado, havia lido inúmeras teses e dissertações defendidas na PUCRS, sob orientação da Profa. Regina Lamprecht, além da tese de doutorado da Profa. Carmen Matzenauer, trabalho responsável por me fazer compreender e me apaixonar pela fonologia gerativa: as regras, o segmento, os traços distintivos, as classes naturais... Meu desejo era continuar a investigar aquisição fonológica e trabalhar com a Profa. Carmen. Infelizmente, ela não atuava em Porto Alegre, cidade em que sonhava um dia morar. Passei, então, a almejar a Profa. Regina Lamprecht como orientadora. Porém, não conhecia a Profa. Lamprecht, a não ser pelos textos, alguns em parceria com a Profa. Carmen. Tendo já assistido a apresentações da Profa. Carmen em congressos, certa vez, em um evento na PUCRS, tomei coragem de conversar com ela que, com toda elegância, gentileza e simpatia que lhe são características, atendeu-me prontamente e estabeleceu minha interlocução com a Profa. Regina

Lamprecht. Em 2001, licencio-me da UFU e me mudo para Porto Alegre. O curso de doutorado em Letras na PUCRS tornou-se realidade.

No primeiro ano de doutorado, mais uma inesquecível mulher começa a fazer parte da minha vida. Desta vez, a Profa. Leda Bisol. Enquanto participava do grupo de pesquisa e da disciplina de Aquisição Fonológica oferecida pela Profa. Regina Lamprecht, iniciei também um curso de Fonologia Teórica com a Profa. Leda Bisol. Emerge, então, uma paixão dupla: pela disciplina e pela professora Leda. Não consegui me desvencilhar dessas paixões. Doeu-me ter que conversar com a Profa. Regina, por quem nutria grande respeito e admiração, para anunciar que gostaria de iniciar outro projeto de doutorado, agora de natureza teórica e sob a orientação da Profa. Leda Bisol. A esta altura, a Profa. Regina, com toda sua sagacidade, já percebera que meu caminho era outro e não apenas me felicitou por ter descoberto com clareza meu destino acadêmico, como se ofereceu para conversar com a Profa. Leda sobre o assunto. Foi então que reescrevi um novo projeto para trabalhar com o acento dos não verbos em português, sustentado por elementos da Fonologia Métrica e da Teoria da Otimidade.

Dois anos depois, já defendida a qualificação do doutorado, conheci o Prof. Ben Hermans em um Congresso Internacional de Fonologia organizado pela Profa. Leda Bisol. Decidi, então passar o ano de 2004 na Tilburg University, Holanda, realizando estágio de doutorado sanduíche com o Prof. Ben Hermans, a quem devo muitos agradecimentos pela receptividade nos Países Baixos e pela cuidadosa supervisão. Neste mesmo ano, no dia 31 de outubro, coloco um ponto final na minha tese, cinco meses antes do prazo a mim concedido pela CAPES, agência financiadora, para, no dia 15 de dezembro defender meu trabalho diante do comitê formado pelos Professores Ben Hermans, Regina Lamprecht, Sérgio Menuzzi, Elisa Battisti e, claro, Leda Bisol.

Retornei à UFU em fevereiro de 2005 e, um ano depois, assumi a presidência daquele que seria o maior evento da história do Instituto de Letras e Linguística da UFU, o Simpósio Internacional de Letras e Linguística – SILEL 2006. Foi durante a organização desse Simpósio que começou a fazer parte de minha vida mais uma mulher, Dilma Maria de Mello, professora vinda de São Paulo, recém-aprovada em concurso para o núcleo de língua inglesa. Minha amizade com a Dilma foi se desenvolvendo lenta e serenamente, até que meus segredos foram trocados pelos dela. Nossas vidas foram se desnudando simetricamente, num ciclo de cumplicidade naturalmente concebido. Sem tom professoral, aprendi com Dilma que para ser feliz basta viver de verdade, e essa verdade só se consegue respeitando os próprios limites, mas não se deixando enclausurar por eles. Juntos, cruzamos oceanos, ultrapassamos fronteiras. Viajamos pelos mares azul-petróleo de Miconos, pela badalada Ibiza, pela impressionantemente bela Praga;

sobrevivemos ao calor de 45 graus de Atenas no alto do Acrópole e do círculo católico do Vaticano; cruzamos as vielas góticas de Barcelona e o bairro latino de Madri; corremos pelas ruas nem sempre sóbrias de Berlin, sentimos o frio cortante do vento canadense sobre a ponte Gran Ville em Vancouver, apreciamos a cultura e as luzes de Paris, sentimos a energia de Amsterdam e nos perdemos na *Pink Monday* de Tilburg, cidade em que morei durante estágio de doutorado sanduíche, conforme registrei no parágrafo anterior.

Na companhia da amiga Dilma, desfrutei momentos de intensa felicidade e descobertas, mas foi ao lado dela que experienciei a pior das tristezas. Em fevereiro de 2012, durante minhas férias de verão, decidi trocar o calor dos trópicos pelo frio glacial do Canadá a fim de visitar a Dilma na cidade de Edmonton, onde ela desenvolvia seu projeto de pós-doutoramento. Nesta viagem, pude verificar *in loco* o inverno sabidamente rigoroso daquele país, conhecer a estação de esqui de Marmot Basin, no Parque Nacional de Jasper, e ver o rio Saskatchewan Norte literalmente congelado. Minha viagem, conforme planejado, se estenderia até São Francisco, nos Estados Unidos. Porém, quis o destino que meus planos fossem interrompidos ali mesmo em Edmonton quando, na noite do dia 04 de fevereiro, às 2h da manhã, Dilma me noticia, após ser informada por meu irmão, a morte de meu pai em Uberlândia. Em um átimo de segundo, tudo perdeu o sentido para mim. A dificuldade em me dar aquela notícia podia ser fotografada no desalento que transfigurava no rosto da Dilma. Corri para o aeroporto de Edmonton e, por sorte, consegui a última passagem para São Paulo, com uma infinita conexão de nove horas em Houston. Chegando a São Paulo, imediatamente tomei outro voo para Uberlândia, onde um grande amigo, Edmilson Rosa, já me esperava para me conduzir até Monjolinho de Minas, local em que meu pai estava sendo velado. Chegamos lá à meia noite e, duas horas depois, em plena madrugada, meu pai foi sepultado. A gratidão que sinto por Edmilson é impossível de ser descrita, tamanho o valor de sua generosa atitude para comigo naquele momento de tanta dor e sofrimento.

As trilhas que a vida nos faz percorrer – ora de modo forçado, ora guiados naturalmente pelo destino ou por nossas próprias escolhas – reserva-nos surpresas inesquecíveis seja pela alegria que proporcionam, seja pela tristeza que causam. O resultado dessas idas e vindas é o que somos hoje; portanto as lembranças são como um despertador para a alma, a fim de que ela sempre acorde para o presente, mas com a certeza de que as trilhas percorridas no passado se somaram para a construção do agora e nortearão o futuro.

Embora este capítulo coloque em relevo a presença e a importância de tantas mulheres na construção do que sou hoje, há também grandes homens na minha história. Entre eles, Lázaro Ferreira de Magalhães, meu pai, foi o mais importante. De poucas palavras e muitas ações, meu

pai nunca foi um grande entusiasta de planejamentos para o futuro. Em virtude dessa posição – reflexo da forma como foi criado nos campos, nas fazendas – acreditava que os estudos, especialmente para quem vivia na pobreza, não passavam de sonhos. Assim, via no árduo trabalho rural a única forma de sobrevivência. Mesmo com essa visão estreita, ele, em conjunto com meus quatro irmãos do sexo masculino, foi fundamental para que, em Patos de Minas, eu conseguisse concluir o ensino médio. Em sua simplicidade, em suas poucas palavras, meu pai sempre foi meu espelho de parcimônia e serenidade. Até hoje tento assemelhar-me a ele, procurando manter-me sereno diante de obstáculos que, rotineiramente, desafiam-nos a todos. Meu pai e eu, somente nós, cumprimentávamo-nos com beijo no rosto. Esse gesto diz tudo sobre nossa relação, sobre o grande amor que nutríamos um pelo outro. Infelizmente, como já descrito neste memorial, quis o destino que ele não estivesse mais entre nós para compartilhar este momento da minha caminhada pessoal e profissional.

Entre meus irmãos, há três mais velhos, Maurício, Mauro e Vicente, que não quiseram prosseguir nos estudos, e um mais novo, Dalmi, que também é professor. Há em cada um deles intensos traços da humanidade e da generosidade dos nossos pais, o que nos une e, como consequência, faz com que sejamos o resultado da educação e dos princípios que meu pai e minha mãe nos ensinaram.

Para além dos homens de minha família e sua importância para minha formação pessoal e profissional, há aqueles que surgem na nossa vida sem que os procuremos. Diz o adágio popular que “os amigos são a família que escolhemos”. Não creio que isso seja verdadeiro, haja vista que não escolhi ser amigo de Dermeval da Hora Oliveira, outro importante homem na minha vida, exemplo de amizade, generosidade e perseverança. Meu primeiro encontro com o Professor Dermeval da Hora se deu por acaso e não por escolha, no final dos anos 90 em João Pessoa, durante o encontro do GELNE, Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste, quando eu e meu amigo e colega da UFU, Professor Cleudemar Alves Fernandes, lá estivemos para apresentação de trabalho. Minha primeira impressão foi uma série de interrogações sobre quem seria aquele professor e organizador do evento dotado de uma energia que espalhava confiança e admiração a todos que o cercavam. Desde aquele breve encontro no GELNE, decorreram-se alguns anos quando, novamente, encontrei Dermeval em Porto Alegre, em 2001, no primeiro ano do doutorado na PUCRS. Recordo-me que ficamos conversando por horas na praça do Cine Guion. Nesses 20 anos passados, Dermeval me ensinou que o trabalho por si só, assim como qualquer outra atividade na vida, nada vale se não houver compartilhamento, se não envolver o outro. Com essa lição de generosidade e confiança, realizamos inúmeros trabalhos em parceria, entre os quais a publicação do livro *Fonologia, Variação e Ensino*, destinado a professores do

ensino básico e alunos de graduação. Também atuamos por vários anos em comissões na CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível – durante o período em que ele coordenou a área de Linguística e Literatura. Ressalto que minha atuação, hoje, como coordenador adjunto da mesma área se deve à confiança que Dermeval depositou em mim. Além desses dois exemplos, destaco a frutíferas discussões em torno do ProfLetras – Mestrado Profissional em Letras –, inúmeras mesas redondas, projetos de pesquisa, bancas de defesa, orientações e coorientações, parceria na ALFAL – Associação de Linguística e Filologia da América Latina – da qual ele é atualmente o Presidente e eu Delegado no Brasil; nesta mesma associação coordenamos juntos o Projeto 19: Fonologia – Teoria e Análise. Todavia, mais importante de que todo esse percurso e parceria acadêmica, estão os fortes laços de amizade e cumplicidade que nos unem. São esses laços que já nos fizeram, e ainda nos fazem, chorar e sorrir juntos, o que me faz ter a certeza de que amizades verdadeiras são raras, mas existem e a nossa é prova irrefutável disso.

2- TRAJETÓRIA PROFISSIONAL: DOS CAMPOS AO CAMPUS

Minha vida laboral começou aos 6 anos de idade. Filho de lavrador, Lazaro Ferreira de Magalhães, e de dona de casa, Pedrolina Cândida de Magalhães, irmão do Maurício, da Marisa, do Mauro, do Vicente e dos mais novos que eu Divina e Dalmi, moramos em uma casa de pau a pique até os meus 8 anos de idade, quando esta casa foi substituída por outra de adobe, um tijolo de barro feito por meu pai e irmãos. Desde muito cedo, um desejo intenso se apoderava de mim: alcançar melhores condições de vida para mim e para minha família, especialmente para meus pais. Comecei, então, a trabalhar aos 6 anos, vendendo, nos campos de futebol, pirulito, pipoca e jaja (laranjinha, sacolé, chup chup, em outras regiões) fabricados por minha mãe. Como não tínhamos geladeira em casa, minha mãe fabricava os jajas e os congelava no *freezer* do posto de saúde comandado pela Dona Alzira, que aceitava maços de cigarros pelo favor de nos permitir congelar os saquinhos cheios com suco.

Veza por outra, eu ajudava meu pai e meus irmãos na lida com plantações de milho, arroz e feijão nas terras de algum fazendeiro, com quem toda a colheita era dividida ao meio como pagamento pelo uso da terra. Pai e irmãos já percebiam que eu não tinha nenhuma vocação para trabalho na lavoura e que meu futuro estaria nos estudos. Da mesma forma, eu não nutria nenhum prazer naquele trabalho, especialmente pelo fato de, ao final de tudo, ter que entregar 50% da colheita ao dono da terra. Apenas durante as férias escolares é que eu trabalhava todos os dias na lavoura, o que afastava de mim qualquer desejo por férias e ainda me fazia sofrer quando, ao retornar às aulas, a professora solicitava uma redação com o tema “como passei minhas férias”. Isso era para mim uma tortura, o que me levava sempre a mentir nos meus textos, descrevendo férias apenas sonhadas, mas nunca realizadas. E assim foi até os 13 anos de idade, já que, aos 14, mudei-me para Lagoa Formosa para cursar o 1º. ano do ensino médio. Aos 15 anos, já morando em Patos de Minas, consegui meu primeiro trabalho formal como recepcionista do Joia Hotel, uma pequena hospedaria que não mais existe. Trabalhava das 7h da manhã até às 17h30min. Às 19h, começavam minhas aulas no Colégio Tiradentes, onde

cursava o 2º. ano do colegial. Permaneci no hotel por cerca de um ano e meio, quando fui demitido sem justa causa. Infelizmente, não consegui outro emprego até finalizar o ensino médio.

No ano seguinte ao do fim do ensino médio, de volta a Monjolinho de Minas, fiz inscrição na Escola do distrito para ministrar aulas. Dois meses após o início do ano letivo, fui chamado para ministrar aulas de português para a 5ª. série (hoje 6º. ano). Como descrito brevemente na seção anterior, um ano depois, ingressei-me no curso de Letras e, concomitantemente, continuei ministrando aulas de português em Monjolinho de Minas. Tão logo terminei a licenciatura, prestei concurso para professor do Estado de Minas Gerais, primeiro para P3 (professor do ensino fundamental) e, depois, para P5 (professor do ensino médio). Aprovado nos dois concursos, fui efetivado. Neste período, comecei também a trabalhar na Rádio Princesa de Lagoa Formosa, primeiro como redator dos noticiários, depois como apresentador do programa Embalos de Sábado, semanalmente, das 12h30min às 15h. Por um curto espaço de tempo, ocupei também as manhãs de segunda a sexta-feira, das 9h às 11h30min, à frente do programa Show da Manhã.

Numa tarde de julho de 1991, recebi uma carta do Colégio Pitágoras de Belo Horizonte, informando que meu nome havia sido indicado pela Faculdade onde me graduei para fazer parte do quadro docente daquela reconhecida instituição de ensino particular da capital mineira. De início, pensei que fosse engano ou alguma brincadeira de mau gosto. Resolvi, então, telefonar para o Colégio Pitágoras, que confirmou a veracidade da correspondência e informou que eu deveria me submeter a um processo seletivo para 11 vagas, para as quais havia 111 candidatos. Aceitei o desafio. Fui até Belo Horizonte, cerca de 400 km de distância, realizar a prova escrita e, pouco tempo depois, retornei para a prova oral, quando deveria ministrar uma aula sobre período composto por subordinação. Aprovado em 1º. lugar, foi-me feita uma proposta para atuar na unidade do Colégio Pitágoras em Porto Velho, Rondônia. Essa notícia provocou um turbilhão de incertezas, indagações e indefinições na minha vida por vários motivos: deveria me mudar para uma cidade distante e sobre a qual a única coisa que se ouvia falar na televisão era o tráfico de drogas e a violência; teria que abandonar a escola onde eu era efetivo em dois cargos e tinha tantos amigos e alunos que me queriam bem; teria que abandonar minha família. Porém, chamava-me a atenção que o salário em um ano no Colégio Pitágoras corresponderia a, pelo menos, dez anos de trabalho na escola estadual; viajaria de avião com tudo pago pelo Pitágoras; teria moradia e alimentação garantidas sem descontar no meu salário. Decidi, então, aceitar a proposta. Antes, porém, certifiquei-me de que, caso não me adaptasse a Porto Velho,

poderia retomar meus cargos na escola estadual (licença sem vencimento) de Monjolinho de Minas.

Os meses que antecederam minha partida rumo a Porto Velho foram angustiantes, especialmente, devido ao sofrimento de minha mãe que chorava todos os dias, implorando para que eu desistisse da empreitada. No início de 1992, então, embarquei, pela primeira vez, em um avião, um Boeing da Vasp, no aeroporto de Uberlândia rumo a Brasília, depois Cuiabá e, finalmente, Porto Velho. Chegando à capital de Rondônia, o vice-diretor do Colégio Pitágoras esperava por mim no aeroporto e me conduziu até o alojamento dos professores em um bairro afastado do centro da cidade. Alegorias sinestésicas se misturam na minha mente, ao recompor o primeiro entardecer triste e solitário em Porto Velho; um entardecer enfeitado pelo voo e canto melancólico dos pássaros – gaivotas, talvez – e eu embriagado por um odor invasivo e denso que, no outro dia, fui saber era do cupuaçu, fruto do qual jamais ouvira falar.

A primeira semana em Porto Velho foi de seminários internos os quais, para mim, soavam como lavagem cerebral para que os professores, todos mineiros, amassem aquela escola e aquele lugar. Não me deixei seduzir e, ao final do quinto dia como morador de Rondônia, fui à sala do diretor e anunciei meu retorno a Minas Gerais. Sob ameaças de que eu deveria devolver tudo que a empresa gastara comigo, mas também defronte do discurso de que eu não haveria sequer começado a trabalhar e, portanto, não teria vivido a experiência a que me propus, resolvi ficar. Na semana seguinte, mudei-me junto com os outros professores do alojamento para um apartamento na Avenida Getúlio Vargas, esquina com a rua Abunã, distante apenas 15 minutos de caminhada até o colégio. No segundo dia na nova moradia, aquilo que via apenas pela televisão acontece na frente do meu prédio: uma abordagem policial para a prisão de vendedores de cocaína.

Os meses foram se passando, o calor úmido da Região Norte aumentando e provocando a sensação de que estávamos todos inseridos em uma grande sauna sem porta de saída. Ministrei aulas de português e redação para todas as turmas do, hoje, ensino fundamental II e médio. Como o colégio era frequentado pela elite financeira da capital de Rondônia, entre meus alunos estavam filhos de políticos, de desembargadores, de fazendeiros e de grandes traficantes. Nos corredores da escola e, por vezes dentro da sala de aula, muitos seguranças particulares dos alunos.

Apesar das incertezas que ainda me acompanhavam em Porto Velho, aquele ano foi um divisor de águas na minha vida. Eu era um professor muito querido pelos colegas e pelos alunos. Por isso, no final do ano, embora já tivesse decidido não permanecer naquela cidade, voltei para Minas Gerais sem nada dizer nem aos alunos e nem aos colegas. Somente, algumas semanas

depois de retornar a Monjolinho de Minas é que telefonei para o Colégio Pitágoras e anunciei em definitivo minha demissão. Nos meses seguintes, recebi dezenas de cartas dos meus ex-alunos pedindo meu retorno. Mas, para mim, aquela “aventura” havia chegado ao fim. Somente em 2019, numa visita aos Programas de Pós-Graduação da UNIR (Universidade Federal de Rondônia), retornei àquele passado. Pude passar em frente ao prédio onde morei, à escola onde trabalhei, hoje ocupada por outro colégio, e reviver emocionado um momento da minha vida que me fez conhecer pessoas e situações jamais imaginadas por aquele professor do pacato e entediante distrito de Monjolinho de Minas.

De volta à Escola Estadual José Marciano Brandão, reassumi minhas aulas e lá permaneci até julho de 1994. Contudo, dominado por grande insatisfação com as condições de trabalho e o salário oferecido pelo governo de Minas Gerais aos professores, decidi que não mais queria permanecer naquela condição, ou seja, não ser mais professor do estado. Estava disposto, inclusive, a seguir outra profissão, e no início daquele, surgiram duas oportunidades: concurso para docente da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e concurso para a Polícia Civil do Estado de Minas Gerais, função de Perito Criminal.

No concurso da UFU, o último a não exigir doutorado, havia trinta e três candidatos entre mestres, doutores e especialistas. Consegui passar em terceiro lugar, atrás de uma professora doutora e de um professor mestre. No concurso para Perito Criminal, havia mais de mil candidatos. Fui aprovado em 4º. lugar e imediatamente convocado para a Academia de Polícia, em Belo Horizonte, para o curso de formação.

Em julho de 1994, durante a formação para atuar na perícia criminal da polícia civil de Minas Gerais, recebi dois chamados: o primeiro, para trabalhar como professor de redação no Curso Pré-Vestibular Nacional, escola particular frequentada pela elite financeira da cidade de Uberlândia; o segundo, para assumir, a partir de agosto daquele ano, a posição de Professor Substituto da UFU até que surgisse vaga para efetivação, o que aconteceu seis meses mais tarde. Sem qualquer hesitação, deixei a profissão de perito na Polícia Civil, mudei-me para Uberlândia e não olhei para trás. Seis meses depois, tornei-me professor efetivo da Universidade Federal de Uberlândia, Campus Santa Mônica. Tomei posse no dia 05 de fevereiro de 1995, numa trajetória profissional que começou nos campos e foi se dar no campus.

3- FORMAÇÃO ACADÊMICA: DA PAIXÃO PELA MATEMÁTICA À TEORIA FONOLÓGICA GERATIVA

3.1- Graduação

Durante o ensino médio, sempre fui um aluno bastante aplicado, procurava tirar as melhores notas e tinha paixão especial pela matemática, embora gostasse de todas as disciplinas. Como já estava na docência de língua portuguesa em Monjolinho de Minas, prestei vestibular para Letras como primeira opção e Matemática como segunda, na Faculdade de Ciências e Letras de Patos de Minas (hoje, UNIPAM). Conforme descrevi acima, passei em 4º. lugar para letras e teria passado na 1º. posição para Matemática. Não demorou muito, fui seduzido pelo curso de Letras e pela profissão de professor de Português, que já exercia desde o ano anterior. O raciocínio matemático, contudo, não me abandonou, uma vez que meu melhor desempenho no curso sempre foi nas disciplinas formais, principalmente Fonologia e Sintaxe. O Curso de Licenciatura em Letras da UNIPAM, se condensado, poderia ser realizado em três anos. Mesmo trabalhando e residindo em Monjolinho de Minas, consegui finalizar o curso nos 36 meses. Licenciei-me, pois, em Letras: Licenciatura Plena em Língua Portuguesa e Literatura, no final de 1988.

3.2- Pós-Graduação Lato Sensu

Conforme registrado páginas acima, realizei um curso de Aperfeiçoamento para Professores de Português, dentro de um projeto chamado Vitae, coordenado pela Profa. Jorcelina Queiroz Azambuja, na Universidade Federal de Uberlândia. Na sequência, fiz o Curso de Especialização (Pós-Graduação Lato Sensu) em Linguística Aplicada na mesma instituição. Esses cursos foram essenciais para minha formação, uma vez que me possibilitaram, além do conhecimento mais aprofundado das disciplinas oferecidas (Linguística Teórica, Sociolinguística, Linguística Aplicada, Sintaxe, Linguística Textual, entre outras) um grande amadurecimento acerca da vida

acadêmica em uma grande instituição de ensino. Ademais, especialmente os conhecimentos obtidos na Especialização foram fundamentais para minha aprovação no concurso para professor da UFU e para meu ingresso no Mestrado.

3.3- Mestrado em Estudos Linguísticos

Como costuma acontecer com grande parte dos professores recém-contratados por uma instituição de ensino superior, ministrei as disciplinas que os mais antigos rejeitavam. Entre essas disciplinas estava Fonética e Fonologia, no terceiro período do curso de Letras. Diferentemente dos demais colegas, esta era exatamente a disciplina de que mais gostava, o que me fez escrever um projeto de pesquisa nesta área e submetê-lo ao Mestrado em Estudos Linguísticos da UFU. Fui orientado pelo Prof. José Olímpio de Magalhães, um exímio professor e pesquisador, que me iniciou nos estudos de Fonologia Gerativa Clássica, como é chamada a Fonologia do SPE – *The Sound Pattern of English* – (CHOMSKY & HALLE, 1968¹), na Fonologia Autossegmental (GOLDSMITH, 1976²) e na Geometria de Traços (CLEMENTS & HUME, 1995).

Herança do meu gosto por Matemática no ensino básico, segui a carreira de pesquisador na linguística formal. Assim, a base da minha pesquisa de mestrado foi a Geometria de Traços, modelo que utilizei para acomodar os dados de aquisição fonológica.

Na minha dissertação de mestrado intitulada “**Produção de oclusivas mais líquida não-lateral na fala de crianças em aquisição da linguagem: análise pela geometria de traços**”, investiguei a produção da sequência de consoantes oclusiva mais líquida não-lateral, constituindo *onset* complexo na sílaba, a partir de dados colhidos em entrevistas com crianças de 2 anos e 4 anos e 6 meses. Os resultados deste trabalho permitiram-me compreender um pouco mais sobre como funciona a gramática fonológica da criança, haja vista que o comportamento da sequência /tr/ é diferente diante de /i/ e diante de outros segmentos.

Os resultados mostraram que, na aquisição da fonologia, a criança é capaz de perceber diferenças que ela não consegue produzir, revelando que realiza os sons governada pela estrutura profunda da língua. Essa conclusão adveio após se verificar que, diante de uma sequência como /tri/, a criança, por ainda não ter adquirido a consoante líquida não lateral, produz a alveolar não palatalizada; por outro lado, em sequências em que o /r/ não estava

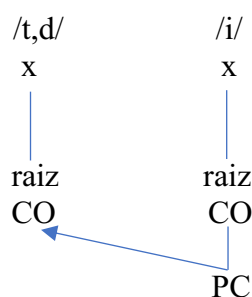
¹ CHOMSKY, N. & HALLE, M. *The Sound Pattern of English*. New York, Harper and How, 1968.

² GOLDSMITH, J. A., (1976). *Autosegmental phonology*. Indiana University Linguistics Club. Publicado em 1979, New York, Garland.

presente na estrutura profunda, a forma fonética elicitada era com a alveolar palatalizada ou, pelo menos, semipalatalizada. Assim, a forma subjacente /trigo/ gerava, na superfície, [ˈtigu]; todavia a representação fonológica /tiago/ gerava a representação fonética [tʰiagu].

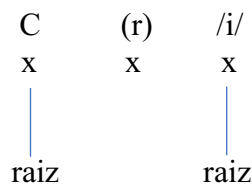
Nos termos da fonologia serial, a estrutura de superfície [ˈtigu] para /trigo/ é interpretada como opaca, haja vista a interação de contra-alimentação entre as regras que operam no *input*, o que significa dizer que a não realização da líquida não-lateral fornece (alimenta) contexto para a palatalização da consoante oclusiva alveolar, considerando que a variante na comunidade de fala em que vivem todas as seis crianças participantes da pesquisa é a oclusiva alveolar, ou dental, palatalizada diante da vogal alta; porém, apesar do contexto propício para a palatalização, a consoante não é palatalizada. Por outro lado, os dados revelaram que, sem a presença da líquida na forma subjacente, a palatalização ocorre categoricamente. Portanto, concluí que, embora o /r/ não se apresente na forma de superfície, ele já faz parte do inventário fonológico da criança, ou seja, de sua gramática, o que é perfeitamente acomodado pelo modelo de representação da Geometria de traços, isto é, entre os nós de raiz de /t/ e de /i/ há o nó de raiz do /r/, o que impede que os traços da vogal se espraíem para a consoante dental, palatalizando-a, conforme demonstra a figura abaixo. Esses fatos foram, mais tarde, retomados como um exercício de aplicação da Teoria da Simpatia (MacCarthy, 1999³), implementação da Teoria da Otimidade para lidar com fenômenos de opacidade, este o grande obstáculo do modelo de restrições.

(1) /t,d/ seguidos de /i/, sem elementos subjacentes intervenientes



³ McCarthy, J. Sympathy, cumulativity, and the Duke-of-York gambit. In Baertsch, K. & Dinnsen, D. A. (eds.), *Optimal green ideas in phonology*, Bloomington: Indiana University Linguistics Club Publications. 1999.

(2) /t,d/ seguidos de /i/, com /r/ interveniente na subjacência



3.4- Doutorado em Letras

Durante o mestrado, muitos trabalhos desenvolvidos na PUCRS fizeram parte do meu arcabouço teórico, com destaque à tese de doutorado da Profa. Carmen Matzenauer (1990⁴) “Aquisição da fonologia do Português: estabelecimento de padrões com base em traços distintivos” e de Helena Boli Motta (1996⁵) “Aquisição segmental do português: um modelo implicacional de complexidade de traços”. Além de descrever e analisar com muito rigor e critério elementos da aquisição da linguagem, esses trabalhos abordam sem nenhuma prolixidade dois modelos fundamentais para a Fonologia Gerativa, quais sejam a Teoria de Traços Distintivos, minuciosamente descrita em Matzenauer (1990) e a Geometria de Traços utilizada por Motta (1996). Além dessas pesquisas com dados de aquisição fonológica, ressalta-se a importância para minha dissertação dos trabalhos de Miranda (1996⁶) e Azambuja (1998⁷), dissertações também desenvolvidas na PUCRS, entre muitos artigos publicados no periódico Letras de Hoje. Tudo isso inclinou-me a continuar trabalhando com aquisição fonológica. Submeti, pois, um projeto sobre este tema com o desejo de ser orientado pela Profa. Regina Lamprecht. O desfecho desta história já está descrito páginas acima. Mudei de orientadora, mudei o objeto da tese, mas mantive-me fiel aos pressupostos gerativistas. Desenvolvi, assim, uma tese de doutorado sobre o acento dos não verbos do português brasileiro, propondo um plano multidimensional em que elementos da Fonologia Métrica (HALLE & VERGNAUD, 1987; HAYES, 1995) se juntam às restrições invioláveis da Teoria da Otimidade (KAGER,

⁴MATZENAUER, C. L. *Aquisição da fonologia do Português: estabelecimento de padrões com base em traços distintivos*. Tese de Doutorado. Porto Alegre, PUCRS, 1990.

⁵MOTTA, H. B. *Aquisição segmental do português: um modelo implicacional de complexidade de traços*. Tese de Doutorado. Porto Alegre, PUCRS, 1996.

⁶MIRANDA, A. R. M. *A aquisição do ‘r’: uma contribuição à discussão sobre seu status fonológico*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, PUCRS, 1996.

⁷AZAMBUJA, E. J. M. *A aquisição das líquidas laterais do português: um estudo transversal*. Dissertação de mestrado, Porto Alegre, PUCRS, 1998.

1999; HYDE, 2001). Antes, porém, de abordar os achados de minha tese, cumpre revelar como cheguei até a Fonologia Métrica e à Teoria da Otimidade.

Asseguro que, durante o mestrado, eu pouco conhecia sobre esses dois modelos, o primeiro representacional, e o segundo de gramática. Embora em meu projeto inicial de doutorado eu apresentasse uma breve abordagem do modelo de restrições, não havia qualquer domínio sobre a teoria. Fonologia métrica inexistia completamente no meu arcabouço teórico. Iniciando, então meus estudos como aluno regular do Doutorado na PUCRS, começou meu contato com a Teoria da Otimidade no Grupo de Estudos em Aquisição e na disciplina ministrada pela Professora Regina Lamprecht. Naquele momento, estudar Teoria da Otimidade era quase uma obrigação para os fonólogos. Infelizmente, comecei com o pé esquerdo. Isso porque o grupo decidiu estudar, ao mesmo tempo, pesquisas em aquisição e o novo modelo teórico, a Teoria da Otimidade, a partir do livro de Barbara Bernhardt e Joseph Stemberger, “*Handbook of phonological development from the perspective of constraint-based nonlinear phonology*”. Avalio este texto como um dos grandes equívocos, não pela forma como trata fatos da aquisição da linguagem, mas pela direção escolhida pelos autores para lidar a Teoria da Otimidade. Enquanto toda literatura emoldurava ranqueamentos e conflitos de restrições em *tableaux* didaticamente desenhados, esses autores sugeriam uma espécie de restrições “*all the way down*” (de cima para baixo), com representações do tipo “*linked upwards*” e “*linked downwards*” (ligadas acima e ligadas abaixo). Isso me provocou grande desapontamento na empreitada teórica sobre a Teoria da Otimidade. Concomitantemente à pouco prazerosa leitura desse livro, cursei a disciplina de Fonologia Teórica ministrada pela Profa. Leda Bisol e passei a frequentar seu grupo de estudos o qual se reunia quinzenalmente. Na disciplina, aprofundávamos nos modelos pós-fonologia gerativa clássica, tais como Fonologia Lexical e Métrica; no grupo realizávamos intensos debates após leitura de vários textos sobre a “autêntica” Teoria da Otimidade. Após a leitura dos textos clássicos da Fonologia Métrica (LIBERMAN, 1975⁸; LIBERMAN & PRINCE, 1977⁹; PRINCE, 1983¹⁰; HALLE & VERGNAUD, 1987¹¹; HALLE

⁸ LIBERMAN, M. *The Intonational System of English*, doctoral dissertation, Massachusetts Institute of Technology, Cambridge. [Distributed by Indiana University Linguistics Club Bloomington], 1975.

⁹ LIBERMAN, M.; PRINCE, A. On stress and linguistic rhythm. In *Linguistic Inquiry*, Cambridge, Mass. V. 8. 249-336, 1977.

¹⁰ PRINCE, A. “Relating to the grid”. *Ll*, v. 14, no. 1. 19-100, 1983.

¹¹ HALLE, M. & VERGNAUD, J. R. *An Essay on Stress*. Cambridge, Mit Press., 1987.

& IDSARDI, 1995¹²; HAYES, 1995¹³) e da Teoria da Otimidade (MCCARTHY & PRINCE, 1993a, 1995¹⁴; KAGER 1999) não restou mais dúvidas de que eu deveria investigar o acento numa perspectiva que unisse elementos dos modelos métricos e da gramática de restrições universais. Surgiu assim, o projeto de doutorado que resultou na tese “**O plano multidimensional do acento na Teoria da Otimidade**” (MAGALHÃES, 2004¹⁵). Esse trabalho teve uma grande contribuição do Prof. Ben Hermans, com quem passei o ano de 2004, na Tilburg University (Holanda), em estágio de doutorado sanduíche.

Os modelos métricos surgiram na década de setenta do século passado como uma forma de atribuir adequação descritiva e representacional das alternâncias rítmicas das línguas do mundo. Diferentemente do proposto pelo SPE (CHOMSKY & HALLE, 1968), em que o acento era tratado como uma propriedade das vogais e, como os outros traços distintivos, era definido em notações binárias (+ acento/ – acento), a Fonologia Métrica compreende o acento como uma entidade prosódica associada à sílaba e sempre definido de forma relacional, ou seja, uma sílaba é acentuada em relação uma outra sílaba não acentuada, o que define o ritmo das línguas numa cadência musical que alterna elementos fortes (acentuados) com elementos fracos (não acentuados). Como modelo representacional em sua essência, o que pressupõe captar generalizações por meio de estruturas visuais abstratas, a Fonologia Métrica passa por várias etapas. Inicialmente, Liberman (1975) e Liberman e Prince (1977) propuseram que a cadência acentual entre sílabas fortes e fracas deveria ser representada por meio de uma estrutura arbórea e nós. Na sequência, foi introduzida à árvore, uma grade numérica que identificaria, num subplano, a alternância rítmica e a sílaba mais proeminente no intervalo alternante representado por números em colunas. Depois, o modelo passou a contar somente com a grade (PRINCE, 1983) para, em 1987, Halle & Vergnaud adicionarem constituintes em parênteses para representar padrões de acento. Estas duas últimas propostas contam com um algoritmo que elenca princípios gerais e parâmetros particulares. Como princípios tem-se a direção de marcação rítmica e a força da primeira marca na grade; como parâmetros deve-se observar se a direção da marcação na grade rítmica é da direita para a esquerda ou da esquerda para a direita,

¹² HALLE, M.; IDSARDI, W. General properties of stress and metrical structure. In: GOLDSMITH, J. (org). *The Handbook of Phonological Theory*. London: Blackwell, 1995.

¹³ HAYES, B. *Metrical Stress Theory: Principles and Case Studies*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

¹⁴ MCCARTHY, J.; PRINCE, A. Faithfulness and Reduplicative Identity. In: J. Beckman, S. Urbanczyk, and L. Walsh (eds), *Occasional Papers in Linguistics 18: Papers in Optimality Theory*. University of Massachusetts, Graduate Student Association, Amherst, 1995.

¹⁵ MAGALHÃES, J. S. *O Plano Multidimensional do Acento na Teoria da Otimidade*. Tese de Doutorado, PUCRS, 2004.

e se a proeminência da primeira marca na grade é fraca ou forte. Halle & Vergnaud (1987) impõem ao modelo uma série de condições a fim de que os sistemas de acento sejam devidamente captados. Por exemplo, a Condição de Exaustividade exigirá que todas as sílabas sejam parte de algum constituinte; a Condição de Recuperabilidade impõe que a localização dos limites dos constituintes métricos deve ser recuperável, de forma não ambígua, a partir da localização do elemento mais proeminente (cabeça), ou então a localização do cabeça deve ser recuperável a partir da construção dos constituintes; a Condição de Maximalidade determina que cada constituinte tenha um número máximo de elementos; já a Condição de Fidelidade faz apagar na saída (*output*) qualquer constituinte que não tenha cabeça projetada. Uma ferramenta imprescindível ao modelo é a chamada Extrametricidade. De acordo com este instrumento, uma unidade marcada como extramétrica torna-se invisível à aplicação das regras de construção dos constituintes métricos, ficando, pois, isenta de sofrer a atribuição do acento. Aplicando-se o modelo de grades com constituintes de Halle & Vergnaud às palavras latinas *reprimúntur* e *reprímitur*, tem-se:

Linha 1	(. *) .	(*) . .
Linha 0	(* *) (*) .	(*)(* *) .
	<i>re pri mun <tur></i>	<i>re pri mi <tur></i>

O modelo capta em sua representação todos os fatos do acento no latim, a saber: i) a última sílaba jamais recebe acento (extramétrica, portanto); ii) a penúltima sílaba será acentuada se for pesada; iii) sendo a penúltima sílaba leve, o acento recairá sobre a antepenúltima. Importante salientar que o modelo ainda prevê um ajuste final à grade métrica o qual eliminará linhas inferiores que gerem acentos inexistentes, por meio de um mecanismo denominado “*Conflation line*”. É o caso do latim, que não possui acento secundário e por isso, não pode ter marcas na grade que indiquem esse tipo de proeminência.

O peso silábico sempre foi uma fonte de generalizações para o acento das línguas e a fonologia métrica capta muito bem esse fenômeno. Sílabas pesadas podem ser constituídas por coda ramificada (vogal mais consoante) ou por uma única vogal longa. Na proposta de Halle & Vergnaud, esse tipo de sílaba projeta, logo no início da construção da grande métrica, uma marca na linha superior. A partir do peso silábico, depreende-se de línguas que o consideram pelo menos dois tipos de acento: i) *default* para o mesmo lado e ii) *default* para o lado oposto. No primeiro caso, considerando um determinado domínio para as regras, entende-se que, se a sílaba mais à direita (ou mais à esquerda) for pesada, ela deve ser acentuada; do contrário,

acentua-se a sílaba mais à direita (ou mais à esquerda), independentemente do peso. Por outro lado, o segundo caso preconiza que, se a sílaba mais à direita (ou mais esquerda) for pesada, ela deve ser acentuada; do contrário, acentua-se a sílaba mais à esquerda (ou mais à direita), independentemente do peso. O latim enquadra-se no segundo tipo, ou seja, *default* para o lado oposto. Ciente de que o latim submete-se à restrição da janela de três sílabas, isto é, o acento recai somente sobre uma das três sílabas finais e que a última sílaba é extramétrica (exceto em palavras monossilábicas), pode-se generalizar que nessa língua o acento incide sobre a sílaba pesada mais à direita; do contrário, ele incidirá sobre a sílaba mais à esquerda, independentemente do peso; portanto, o acento no latim é *default* para o lado oposto.

Essa discussão sobre algoritmo acentual, extrametricidade e peso silábico ecoou também no modelo métrico de Hayes (1995). Todos esses elementos teóricos foram fundamentais para o desenvolvimento da proposta presente da minha tese de doutorado.

Hayes (1995) vale-se de muitos dos mecanismos apresentados por Halle & Vergnaud (1987), incluindo a grades com constituintes, a extrametricidade e os parâmetros de direção e de marca. Contudo, em seu modelo, o autor impõe limites ao que poderá ser extramétrico e, em vez de constituintes construídos exaustivamente, propõe um conjunto de pés paramétricos, não iterativos, tampouco exaustivos. Os dois tipos de pés – iambo e troqueu – oriundos da métrica clássica, advêm de leis rítmicas que trazem à tona cadências de duração em oposição a cadências de intensidade. Formula, então, o autor a lei iâmbico-trocaica (HAYES, 1995, p. 80), apresentada a seguir:

- a- Elementos que contrastam em intensidade naturalmente formam agrupamentos com proeminência inicial;
- b- Elementos contrastantes em duração naturalmente formam agrupamentos com proeminência final.

A partir dessa lei, Hayes propõe os seguintes constituintes, ou pés métricos:

- i) Troqueu silábico, pé com proeminência à esquerda e que ignora a estrutura interna das sílabas: ($\sigma \sigma$)
- ii) Troqueu mórico, pé com proeminência à esquerda, mas que leva em consideração a estrutura interna da sílabas, ao avaliar que uma sílaba pesada equivaleria a duas sílabas leves: ($\check{\sigma} \check{\sigma}$) ou ($\bar{\sigma}$)
- iii) Iambo, pé com proeminência à direita, canonicamente sobre uma sílaba pesada: ($\check{\sigma} \bar{\sigma}$), ou então ($\bar{\sigma}$)

Para o desenvolvimento do Plano Multidimensional do Acento, foi necessário, além do arcabouço instrumental e teórico oferecido pelos modelos métricos, a apropriação do aparato epistemológico da gramática de restrições provido pela Teoria da Otimidade.

A Teoria da Otimidade surgiu no início dos anos 1990 do século passado como uma teoria de gramática com a pretensão de lidar com a relação estrutura profunda/estrutura de superfície de um modo que se assemelhasse mais com a forma de operação do cérebro, ou seja, em paralelo e sem ordenamentos.

Modelos que a precederam, como a Fonologia Gerativa Padrão (SPE), a Fonologia Lexical, ou mesmo modelos explicitamente representacionais como os métricos, pressupunham regras seriais que se aplicam a cada saída resultante da aplicação de uma regra anterior. Por exemplo, a Fonologia Lexical compreendia dois níveis operacionais, um lexical e outro pós-lexical. No módulo lexical, aquele em que se dá a formação das palavras, regras fonológicas interagem com regras morfológicas, em um procedimento cíclico no qual operações morfológicas geram *outputs* para as operações fonológicas que, por sua vez, geram *outputs* para as operações morfológicas até a saída para o módulo pós-lexical, quando a palavra não mais estaria sujeita ao ciclo e poderia ser submetida à sintaxe e à fonética, sofrendo variação ou não. O ponto considerado frágil desses modelos seriais, segundo a Teoria da Otimidade, estaria centrado na chamada conspiração (“*conspiracy*”), já que, por vezes, regras diferentes atingiam o mesmo resultado, o que é conhecido na literatura como “homogeneidade do alvo, heterogeneidade do processo”. No português, por exemplo, a forma fonética das vogais médias pretônicas pode ser alcançada via regra de harmonização vocálica do traço ATR ou por regras gerais de neutralização. Como a Teoria da Otimidade não lida com regras, a conspiração não seria mais um problema, haja vista que qualquer forma de *output* é resultado da ranqueamento de restrições universais que atuam em paralelo. Ressalta-se que um dos princípios deste novo modelo é que todas as restrições são universais, de modo que a gramática de uma língua em particular corresponde à forma como tais restrições universais estão ranqueadas. Portanto, sem estágio operacional, sem regras seriais, o *output* emerge, a partir do *input*, como resultado de uma operação em paralelo e automática envolvendo o conjunto de restrições universais em conflito.

A solução para as conspirações tornou-se, todavia, o grande problema operacional da Teoria da Otimidade, ou seja, com operações em paralelo, as interações opacas entre o *input* e o *output* colocaram a sobriedade deste modelo de gramática em xeque. Um exemplo de opacidade é aquele caso citado, a partir dos dados de aquisição fonológica, analisados em minha dissertação

de mestrado. Retomo o exemplo aqui para ilustrar o problema para a Teoria da Otimidade: a forma de *input* /tri/, em ‘trigo’, na fala da criança, resulta no *output* [ti], quando o esperado era [tʰi], uma vez que a não realização da líquida fornece (alimenta) contexto de palatalização da oclusiva. Elementos fundamentais para esta conclusão estão em palavras como ‘Tiago’ ou ‘tia’, em que a mesma criança realiza a forma palatalizada da consoante dental diante de [i]. No modelo de gramática da Teoria da Otimidade, entende-se haver uma restrição ranqueada alto na hierarquia do português, operando para que a consoante oclusiva dental seja palatalizada diante de /i/, por receber os traços de altura desta vogal.

Para lidar com *outputs* inesperados, ou seja, com fenômenos de opacidade (destaque-se que todas as atenções deste modelo são para os *outputs*), surgiram várias propostas dentro da Teoria da Otimidade. Algumas procuravam manter a ideia de paralelismo, tais como a Teoria da Simpatia McCarthy (McCARTHY, 1999¹⁶), a Conjunção Local de Restrições (KIRCHNER, 1995¹⁷), a ‘Turbidity’ (GOLDRICK, 2000¹⁸), a Cadeia de Candidatos, ou OT-CC (McCARTHY, 2007¹⁹). Outras propostas claramente deixavam de lado o princípio básico da teoria – o paralelismo – tais como a LPM-OT (KIPARSKY, 2000²⁰) e a TO Serial (ITÔ e MESTER, 2003²¹). Fato é que nenhuma dessas propostas conseguiu acomodar satisfatoriamente as interações opacas sem que se esbarrassem em algum princípio da Teoria. Por exemplo, a Teoria da Simpatia, embora apregoasse a manutenção do paralelismo, gerava, numa primeira operação, um *output* indesejado, porém transparente e “simpático”, fruto da relação *input-output*, para, na sequência, estabelecer a relação entre este candidato “simpático” e os demais, gerando o candidato opaco, porém, ótimo. Portanto, há estágios e, com isso, o paralelismo é abatido!

Para avaliar todos os possíveis candidatos a *output*, o modelo da TO estabelece que todas as restrições são universais e que as gramáticas de línguas particulares são definidas pelo ranqueamento de restrições. Logo, cada ranqueamento define uma gramática, uma língua. Essas restrições são prioritariamente de dois tipos: Marcação e Fidelidade. O primeiro tipo opera pela

¹⁶ McCarthy, J. Sympathy and phonological opacity. *Phonology*. 78., Umass.edu/Linguist Faculty Pubs, 1999.

¹⁷ Kirchner, R. *Going the distance: Synchronic chain shifts in Optimality Theory*. Available at <http://roa.rutgers.edu/>, Archive 66, 1995.

¹⁸ GOLDRICK, M. Turbid output representations and the unity of opacity. *Proceedings of NELS 30*, 231–245. Available at <http://www.ling.northwestern.edu/~goldrick/nels30.pdf>, 2000.

¹⁹ MCCARTHY, J. *Slouching towards Optimality: coda reduction in OT-CC*. Available at <http://roa.rutgers.edu/>, Archive 8781006, 2007.

²⁰ KIPARSKY, P. Opacity and cyclicity. *The Linguistic Review*. 17:351-367. Available at www.stanford.edu/~kiparsky/, 2000.

²¹ ITO, J.; MESTER, A. On the sources of opacity in OT: coda processes in German. In. FÉRY, C. E VIJVER, R. v. d. *Structure and Typology of the Syllable*. Cambridge: Cambridge University Press., 2003.

boa formação do *output*, independentemente da forma do *input*, enquanto o segundo tipo atua para que o *output* e *input* sejam idênticos. Essas restrições, contudo, são violáveis, mas com a condição de que tais violações ocorram o mínimo possível.

De interesse especial para tese proposta foi um terceiro tipo de restrição que, na minha avaliação, não se enquadra nos dois tipos apresentados no parágrafo anterior, mas parece mais próxima às restrições de marcação. Este terceiro tipo são as restrições de alinhamento, as quais demandam que os constituintes e suas bordas devem coincidir, ou seja, estar alinhados. Por exemplo, para uma análise do acento, o alinhamento aponta que a borda esquerda ou direita de cada constituinte prosódico ou gramatical de uma categoria 1 deve coincidir com a borda esquerda ou direita de algum constituinte prosódico ou gramatical de uma categoria 2. Considerando, então as categorias pé e palavra prosódica, uma restrição de alinhamento poderia demandar a que se “alinhe a borda direita de cada pé com a borda direita de alguma palavra prosódica” ou ainda que se “alinhe a borda esquerda de cada pé com a borda esquerda de alguma palavra prosódica”.

Conforme já referido, o modelo que propus em minha tese vale-se de elementos da Teoria da Otimidade associados a importantes preceitos da Fonologia Métrica no que respeita as propriedades do acento, quais sejam: i) Propriedade Culminativa, segundo a qual os constituintes morfológicos e sintáticos das línguas possuem apenas um pico de proeminência rítmica. Associada a esta propriedade está o fato de que palavras acentuadas possuem um tamanho mínimo de duas sílabas ou duas moras; ii) Propriedade Demarcativa, pela qual o acento tende a incidir nas bordas dos constituintes, alinhando, então, a borda das categorias prosódicas com seu pico acentual, bem como o pico acentual com a borda de sua categoria prosódica; iii) Propriedade Rítmica, a qual assevera que a línguas tendem a apresentar intervalos regulares entre sílabas fortes e sílabas fracas. Essa propriedade explica o fato de as línguas evitarem, por um lado, lapsos, isto é, sequências de sílabas sem acento e, por outro lado, choques, ou seja, sílabas adjacentes acentuadas; iv) Sensibilidade ao peso, a qual aponta que o acento tende a ser atraído por sílabas pesadas (vogais longas, ditongos, sílabas com coda) ou que sílabas acentuadas tendem a se tornar pesadas. Essas propriedades são fundamentais para a interpretação e identificação da gramática de restrições na Teoria da Otimidade, sendo que todas as suas generalizações passam a ser captadas como restrições violáveis neste novo modelo (MAGALHÃES, 2004:50). Ao final de toda investigação e testada minha proposta no sistema de acento dos não verbos em português e em sistemas de acento de outras línguas, a tese apresenta, então, o **Plano Multidimensional do Acento na Teoria da Otimidade**, conforme retomo abaixo:

4- ATIVIDADES DE ENSINO, PESQUISA, EXTENSÃO E GESTÃO

4.1- Atividades de Ensino

Assim que tomei posse como docente efetivo no Departamento de Letras (DELET), hoje Instituto de Letras e Linguística (ILEEL), da Universidade de Uberlândia, em 05 de fevereiro de 1995, assumi quatro turmas em três cursos, sendo quatro disciplinas diferentes. No Curso de Letras, ministrei as disciplinas Linguística Aplicada ao Ensino de Português e Fonética e Fonologia; no Curso de Ciências Contábeis, Redação Técnica; no Curso de Educação Física, Leitura e Produção de Textos. Naquele período, os professores lotados no DELET ofereciam algumas disciplinas do chamado ciclo básico para outros cursos da UFU. Em função disso, recém-contratados como eu dificilmente tinham o direito de escolher que disciplinas ministrariam. Sempre sobravam para esses docentes as disciplinas no ciclo básico e, no Curso de Letras, a disciplina Fonética e Fonologia o que, para mim, era motivo de contentamento, pois, como nenhum outro colega com mais tempo na UFU desejava assumir esta disciplina, ela sempre sobrava para mim. E foi assim que, desde que fui contratado, venho ministrando Fonética e Fonologia, entre outras disciplinas, como descrevo a seguir.

4.1.1- Graduação

- i) Cursos de Educação Física, Artes Cênicas e Psicologia
Leitura e Produção de Textos

- ii) Curso de Ciências Contábeis
Redação Técnica

- iii) Curso de Letras Português
Fonética e Fonologia
Linguística Aplicada ao Ensino de Português
Leitura e Produção de Textos

Morfologia

Introdução aos Estudos Linguísticos

Estudos da Linguagem I

Estudos da Linguagem II

Aquisição do Sistema Fonológico

iv) Curso de Letras Espanhol

Introdução aos Estudos da Linguagem I

4.1.3- Pós-graduação

i) Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras)

Fonologia, Variação e Ensino

ii) Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL)

Teorias Linguísticas

Fonologia

Sociolinguística Variacionista

4.1.3- Cursos de curta duração

Além dos cursos regulares ofertados na Universidade Federal de Uberlândia, ministrei vários cursos de curta duração, entre 6 e 20 horas, em outras instituições, a saber: UFRN, UFSC, UFMG, UFPB, UFAL, UFG, UFTM, UFPE, UFRPE.

4.2- Atividades de pesquisa

Imediatamente após o meu retorno do doutorado, no início de 2005, comecei a desenvolver dois projetos de pesquisa, aos quais foram vinculados alunos de graduação e, posteriormente, de pós-graduação. Concomitantemente, criei o GEFONO – Grupo de Pesquisa e Estudos em Fonologia que, até hoje, agrega alunos de todos os níveis. Enumero, a seguir, os projetos de pesquisa desenvolvidos e em desenvolvimento para, logo depois, apresentar minhas atividades de orientação.

4.2.1- Projetos de Pesquisa

i) Descrição Sócio-histórica das Vogais do Português (Brasil) – PROBRAVO

Iniciou-se em 2005, com o objetivo de realizar uma investigação multidisciplinar – sócio-histórica e linguística – das realizações fonéticas das vogais nos dialetos do Sul ao Norte do Brasil. De abrangência nacional, envolveu pesquisadores de várias universidades do Brasil. Minha atuação foi como Pesquisador Principal do Triângulo Mineiro e meu projeto voltou-se para a variação das vogais pretônicas nesta região. Embora o PROBRAVO tenha sido interrompido no início da década passada, minha pesquisa continuou.

ii) Fenômenos Vocálicos no português brasileiro – as pretônicas no dialeto do Triângulo Mineiro: descrição e análise via restrições

Iniciou-se junto com o PROBRAVO, em 2005 e finalizou em 2012. Este projeto teve como objeto as vogais pretônicas e, no princípio, seria suportado pelo aparato teórico era a Teoria da Otimidade. Contudo, abandonamos o modelo de restrições e nos dedicamos a Sociolinguística Variacionista, conforme os preceitos labovianos. Afortunadamente, este projeto permitiu, junto com o anterior, a constituição de um banco de dados de fala do Triângulo Mineiro, o que fomentou a orientação de pesquisas de iniciação científica e pós-graduação stricto sensu.

iii) Para a História do Português Brasileiro (PHPB) - As vogais Pretônicas

Dando continuidade à investigação das vogais, este projeto, iniciado em 2011 e finalizado em 2018, objetivou pesquisar e descrever as vogais pretônicas no Português Brasileiro a partir de cartas pessoais e documentos oficiais produzidos nos séculos XVIII, XIX e início do século XX. Foi traçado um perfil completo do subsistema vocálico pretônico do português brasileiro documentado nesses séculos e, ao mesmo tempo, estabelecida uma relação com a língua falada atualmente.

iv) Modelos fonológicos, variação e ensino - revelações da oralidade e da escrita

Este projeto iniciou-se em 2017 e continua em andamento. Seu objetivo principal tem sido investigar o que dados de oralidade e escrita nos revelam sobre elementos de natureza variável como suporte para aplicação de modelos de análise fonológica. Esse objetivo geral se estende

à testagem de qual modelo fonológico acomoda melhor os dados, tomando como prioridade teorias de natureza gerativa. Este trabalho tem permitido estabelecer um diálogo bastante próximo entre a teoria e o ensino. Os corpora advêm do banco de dados GEFONO, que documenta inquéritos de fala da região do Triângulo Mineiro, bem como mais de 2000 textos escritos por alunos de ensino básico de escolas de Minas Gerais, Goiás e Distrito Federal.

4.2.2- GEFONO - Grupo de pesquisa, estudos e banco de dados de fala e de escrita

Em toda a minha carreira como pesquisador, professor e orientador, uma das tarefas que mais me tem proporcionado alegrias é o GEFONO, Grupo de Pesquisa e Estudos em Fonologia, registrado no CNPq como dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/1042512570006243. Este grupo foi criado, logo que, finalizado o doutorado, voltei à UFU, com a finalidade de despertar em alunos de graduação o interesse pela Fonologia. O sucesso foi imediato e, logo em seguida, comecei a orientar projetos de iniciação científica e de mestrado. Também, a partir do GEFONO, consegui criar um banco de dados de fala do Triângulo Mineiro a fim de cumprir parte da tarefa dos projetos de pesquisa que já vinha desenvolvendo. Portanto, o GEFONO, mais que um grupo de pesquisa, passou a nomear também o banco de dados. Para retratar bem a variação linguística da região, mapeei o Triângulo Mineiro da seguinte forma: ao norte, próximo à fronteira com Goiás, foram coletados dados de fala de Araguari; a leste, Coromandel e Monte Carmelo; ao sul, próximo à fronteira com o estado de São Paulo, Uberaba; a leste, na microrregião conhecida como Pontal do Triângulo, Ituiutaba e, finalmente, na parte central, Uberlândia. Após o ano de 2016, quando já atuava no ProfLetras e propus um projeto de pesquisa que alvejava a oralidade e a escrita, o GEFONO passou também a organizar um banco de textos que, atualmente, conta com mais de 2.000 produções escritas do sexto ao nono ano por alunos de escolas públicas do Triângulo Mineiro, Goiás e Distrito Federal. O GEFONO, como forma de divulgação, possui uma página no Youtube (www.youtube.com/gefonoufu) e uma no Instagram (@gefonoufu). Na sequência, passo a expor minhas atividades de orientação, muitas delas vinculadas ao GEFONO.

4.2.3- Orientação

i) Doutorado

Aluna: Romilda Ferreira Santos

Ano de defesa: **em andamento**

Projeto em desenvolvimento: Produção e percepção do /r/ em coda silábica como marca do falar caipira

Aluna: Fernanda Alvarenga Rezende (CAPES)

Ano de defesa: 2018

Tese: Caracterização métrica e gramática de restrições do acento verbal no português brasileiro

Aluna: Marilda Alves Adão Carvalho (CAPES)

Ano de defesa: 2018

Tese: Padrões morfossintáticos variáveis na fala de Quirinópolis-GO: a concordância verbal de número

Aluna: Giselly de Oliveira Lima

Ano de defesa: 2017

Tese: Percepção das vogais postônicas não finais em palavras de acento antepenúltimo

Aluno: André Pedro da Silva (Co-orientação) – (Bolsa CAPES-UFPB)

Ano de defesa: 2010

Tese: Vogais postônicas não finais: do sistema ao uso

ii) Supervisão de Pós-Doutorado

Pesquisador: Shirley Freitas Sousa (UNILAB)

Período: 2021 – **em andamento**

Projeto: O sistema vocálico do kabuverdianu falado no Príncipe

Pesquisador: Seung-Hwa Lee (UFMG)

Período: 2020 – 2021

Projeto: Acento e sua relação com a Morfologia

iii) Mestrado Acadêmico

Aluna: Rosana Agreli Melo Campos

Ano de defesa: **em andamento**

Dissertação em desenvolvimento: O Rio Grande como fronteira linguística: um estudo do comportamento das vogais médias pretônicas

Aluna: Mariana Souza Santos

Ano de defesa: **em andamento**

Dissertação em desenvolvimento: A lenição da oclusiva alveolar desvozeada por falantes brasileiros de inglês como L2

Aluno: Luann Dias de Souza (CAPES)

Ano de defesa: 2019

Dissertação: Fontes do acento paroxítono no português brasileiro

Aluna: Iara Ferreira Germano (CAPES)

Ano de defesa: 2019

Dissertação: Percepção e produção de consoantes fricativas interdentais da língua inglesa por alunos brasileiros em diferentes níveis de proficiência

Aluna: Priscila Marques Costa (CAPES)

Ano de defesa: 2017

Dissertação: O alçamento variável das vogais médias pretônicas no falar do sul goiano

Aluno: Guilherme Antônio Silva (CAPES)

Ano de defesa: 2016

Dissertação: O /R/ em coda na cidade de Uberlândia

Aluna: Cláudia Adriana Souza Santos

Ano de defesa: 2016

Dissertação: O alçamento das vogais médias pretônicas em Hinos de Folias de Reis – Montes Claros/MG

Aluna: Luana Yara da Silva Soares (CAPES)

Ano de defesa: 2015

Dissertação: Os ditongos nasais átonos finais em Uberlândia-MG

Aluna: Fernanda Alvarenga Resende (FAPEMIG)

Ano de defesa: 2013

Dissertação: O processo variável do abaixamento das vogais médias pretônicas no município de Monte Carmelo-MG

Aluna: Jeanne Rocha (coorientador)

Ano de defesa: 2013

Dissertação: Aplicação e benefícios da Fonética Articulatória e do Alfabeto Fonético Internacional (AFI) no processo ensino-aprendizagem da pronúncia da língua cantada

Aluna: Ana Carolina Garcia Lima Felice

Ano de defesa: 2011

Dissertação: Um estudo variacionista e fonológico sobre o alçamento das vogais médias pretônicas na fala uberlandense

Aluno: Leonardo da Silva Felice

Ano de defesa: 2011

Dissertação: Um estudo variacionista de -(z)inho na cidade de Uberlândia

Aluna: Allyne Garcia Bisinotto

Ano de defesa: 2011

Dissertação: O alçamento das vogais médias pretônicas: um estudo do falar ituiutabano

Aluna: Dayana Rubia Carneiro (FAPEMIG)

Ano de defesa: 2011

Dissertação: A variação das vogais pretônicas na cidade de Araguari - MG

Aluna: Alessandra Mara de Assis

Ano de defesa: 2009

Dissertação: A interferência fonológica do português - L1 - na aquisição de inglês - L2: os traços [+tenso] e [-tenso]

Aluna: Giselly de Oliveira Lima (CAPES)

Ano de defesa: 2008

Dissertação: O efeito da síncope nas proparoxítonas: análise fonológica e variacionista

iv) Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras)

Aluna: Amilla Rodrigues (CAPES)

Ano de defesa: 2019

Dissertação: O aperfeiçoamento da escrita por meio da fonologia: a estrutura silábica na escrita dos alunos do Ensino Fundamental II

Aluna: Maria das Mercês Cardoso de Assis (CAPES)

Ano de defesa: 2016

Dissertação: A representação da consoante em final de sílaba em textos de alunos da EJA

Aluna: Ellis Marica Batista Rodrigues (CAPES)

Ano de defesa: 2016

Dissertação: A nasalidade na escrita de alunos do quarto e quinto anos do ensino fundamental 1 – descrição e intervenção pedagógica

Aluna: Maria Hellen Brandão (CAPES)

Ano de defesa: 2014

Dissertação: Uma abordagem fonológica da segmentação na escrita de alunos do Ensino Fundamental II

v) Iniciação Científica

Aluna: Giovanna Duran Soares Santos (FNDE)

Período: **em andamento**

Projeto em desenvolvimento: A nasalidade na escrita de alunos do sexto ano do Ensino Fundamental II – contribuições da análise fonológica para o ensino

Aluna: Stefanne Almeida Teixeira (FAPEMIG)

Período: 2017

Projeto: Processos fonológicos e desvios de escrita: a não emergência das vogais

Aluno: Luann Dias de Sousa (SESu/MEC/FNDE)

Período: 2014

Projeto: Fontes do Acento Paroxítono no Português

Aluna: Dalila Peixoto de Sousa

Período: 2013

Projeto: Descrição das vogais pretônicas no contexto histórico do português brasileiro

Aluna: Maria Amélia Lemes de Queiroz (FAPEMIG)

Período: 2012

Projeto: Variação das vogais médias pretônicas /e/ e /o/: enfoque sobre a cidade de Uberaba

Aluna: Dúnia Hamdam (SESu/MEC/FNDE)

Período: 2011

Projeto: Processo variável da ditongação na cidade de Uberlândia

Aluna: Gabriela Morais Carrijo (SESu/MEC/FNDE)

Período: 2011

Projeto: A variação dos fonemas /e/ e /E/ na cidade de Uberlândia

Aluna: Luana Yara da Silva Soares

Período: 2011

Projeto: A variação do ditongo nasal átono final [ẽ̃] na cidade de Uberlândia

Aluna: Marcella Renata Ferreira (CNPq)

Período: 2010

Projeto: Processos de apagamento na desinência de gerúndio na fala Uberlandense

Aluna: Fernanda Alvarenga Rezende (CNPq)

Período: 2010

Projeto: O sistema vocálico pretônico do Triângulo Mineiro – enfoque sobre as cidades de Coromandel e Monte Carmelo

Aluna: Maria do Carmo Lopes (CNPq)

Período: 2009

Projeto: O sistema vocálico pretônico nas cidades de São Gotardo e Rio Paranaíba

Aluna: Cíntia Aparecida de Sousa (CNPq)

Período: 2008

Projeto: Descrição e análise do sistema vocálico pretônico das cidades de Patrocínio e Perdizes

Aluna: Gislei Gonçalves Borges (CNPq)

Período: 2008

Projeto: A pretônicas no Município de Uberaba-MG

Aluna: Dayana Rubia Carneiro (Bolsa FAPEMIG)

Período: 2007

Projeto: O sistema vocálico pretônico nas zonas rural e urbana do município de Araguari/MG

Aluna: Mary Anne Azevedo Kil (Bolsa CNPq)

Período: 2007

Projeto: O sistema vocálico pretônico na zona rural do município de Uberlândia/MG

Aluna: Naama Medeiros Silva (Voluntário)

Período: 2007

Projeto: A realização do r em coda silábica no dialeto do Triângulo Mineiro

Aluna: Cecília Franco Morais (Voluntário)

Período: 2007

Projeto: A aquisição da lateral palatal /ʎ/ no Português Brasileiro

vi) Monitoria

Aluna: Cristiane Fonseca Carvalho

Ano: 2018

Disciplina: Estudos em Fonética e Fonologia

Aluna: Ingrid Liliam da Silva

Ano: 2018

Disciplina: Estudos em Fonética e Fonologia

Aluna: Ana Carolina Garcia

Período: 2008

Disciplina: Estudos em Fonética e Fonologia

Aluno: Rogério de Castro Ângelo (Bolsa UFU)

Período: 2008

Disciplina: Estudos em Fonética e Fonologia

Aluna: Camilla Vitor Corrêa (Bolsa UFU)

Período: 2009

Disciplina: Estudos em Morfologia

Aluna: Dayna Rubia Carneiro

Período: 2007

Disciplina: Fonética e Fonologia

Aluno: Júlio César de Oliveira

Período: 2005 e 2006

Disciplina: Fonética e Fonologia

4.2.4- Trabalhos completos publicados em periódicos

MAGALHÃES, J. S., MARTINS, M. A., AGOSTINHO, A. L. A capacidade humana para a linguagem e a linguística formal no Brasil. *Fórum Linguístico*, v. 17, p. 4582-4595, 2020.

MAGALHÃES, J. S.; FONSECA, A. A., LEITE, C. T. Fonologia e Ensino: da teoria à prática. *Veredas*, v. 3, p. 01 – 10, 2020.

MAGALHÃES, J. S. A Linguística além da descrição, além do ensino, além de si mesma. *Calidoscópico*, v. 17, p. 253 – 764, 2019.

MAGALHÃES, J. S., LIMA, G. O. A percepção da vogal postônica não final em proparoxítonas. *Diadorim (Rio de Janeiro)*, v. 20, p. 297-317. 2018.

MAGALHÃES, J. S. Fonética e Fonologia. *Gradus-Revista Brasileira de Fonologia de Laboratório*, v. 3, p. 125 – 134, 2018.

MAGALHÃES, J. S. A extensão nos programas de educação tutorial. *Horizonte Científico*, v. 10, p. 04 – 10, 2016.

MAGALHÃES, J. S. Fonética, Fonologia e o legado de Gisela Collischonn. *Domínios de Linguagem*, v. 10, p. 436 – 448, 2016.

MAGALHÃES, J. S. Caracterização dos processos assimilatórios no português brasileiro. *Fórum Linguístico*, v. 11, p. 97 – 105, 2014.

MAGALHÃES, J. S. Alçamento das vogais pretônicas nos séculos XVIII e XIX. *Revista do GELNE*, v. 15, p. 31 – 48, 2013.

MAGALHÃES, J. S. Estudos em Fonologia: uma homenagem às trilhas desbravadas por Leda Bisol. *Letras & Letras*, v. 28, p. 9 – 13, 2012.

MAGALHÃES, J. S. Variação linguística e ensino: o caso do subsistema vocálico pretônico; *Intertexto (Uberaba)*, v. 5, p. 1 – 17, 2012.

MAGALHÃES, J. S., RESENDE, F. A. Alçamento da Vogal Pretônica /e/ na fala dos habitantes de Coromandel-MG e Monte Carmelo-MG. *Linguagem, estudos e pesquisas*, v. 14, p. 57 – 78., 2011.

MAGALHÃES, J. S. Análise translinguística – acento e redução vocálica: o caso do Western Cheremis. *Letras de Hoje*, v. 45, p. 43 – 48, 2010.

MAGALHÃES, J. S. O Acento dos Não Verbos no Português Brasileiro no Plano Multidimensional. *ALFA: Revista de Linguística*, v. 52, p. 405 – 430, 2008.

MAGALHÃES, J. S. Latim Vulgar: Representação do Acento no Plano Multidimensional. *Letras de Hoje*, v. 42, p. 197 – 212, 2007.

MAGALHÃES, J. S. Revisitando o acento no Português Arcaico. *Lingua(gem)*, v. 2. P. 291 – 304, 2006.

MAGALHÃES, J. S., BISOL, L. A redução vocálica no Português Brasileiro: Avaliação via Restrições. *Revista Brasileira de Linguística (ABRALIN)*, v. III, p. 105 – 2016, 2004.

MAGALHÃES, J. S. A metátese da líquida não-lateral na aquisição: evidência para o pé troqueu. *Letras de Hoje*, v. 38, p. 83 – 96. 2003.

MAGALHÃES, J. S. Omissão da líquida não-lateral e opacidade na aquisição do português brasileiro. *Letras & Letras*, v. 18, p. 85 – 102. 2003.

4.2.5- Capítulos de Livros

MAGALHÃES, J. S. A natureza conservadora do acento nas palavras paroxítonas terminadas em consoante. In Natália Cristine Prado, Ana Carolina Cangemi (Org.) *Estudos fonéticos e fonológicos: observando fatos linguísticos*. Edufro, Porto Velho, 2021, v. 1. p. 183 – 195.

MAGALHÃES, J. S. A sílaba e o acento no português brasileiro. In Ubiratã Kickhöfel Alves et al. (org) *Fonética e Fonologia de Línguas Estrangeiras: subsídios para o ensino*. Pontes, São Paulo, 2020. v. 1, p. 393 – 412.

MAGALHÃES, J. S. Fonologia para o ensino básico. In Eulália Leurquin, Pollyanne Bicalho (org.) *Atuações docentes no contexto do Profletras*. Pé da Palavra, São Paulo, 2020, v. 1, p. 13 – 28.

MAGALHÃES, J. S. Vogais Pretônicas, In Dermeval da Hora; Elisa Battisti; Valéria Monareto (org.) *História do português brasileiro - Mudança Fônica do Português Brasileiro, v. III*. Contexto, São Paulo, 2019. P. 60 – 78.

MAGALHÃES, J. S. As vogais médias pretônicas como fronteira linguística entre o Triângulo Mineiro e o Noroeste Paulista. In Neusa Barbosa Bastos (org.) *Língua Portuguesa: história, memória e intersecções lusófonas*. EDUC/PUC-SP, São Paulo, 2018, v. 1. P. 317 – 328.

MAGALHÃES, J. S.; BATISTTI, E. Fonologia Métrica. In Dermeval da Hora, Carmen Lúcia Matzenauer (org) *Fonologia, Fonologia*. Contexto, São Paulo, 2017, v. 1 p. 93 - 108.

MAGALHÃES, J. S. Main Stress and Secondary Stress in Brazilian and European Portuguese. In Leo Wetzels; Sergio Menuzzi; João Costa (org), *The Handbook of Portuguese Linguistics*. Wiley Blackwell, Oxford, 2016, v. 1. P. 107 – 127.

MAGALHÃES, J. S.; CARNEIRO, D. R. As vogais médias pretônicas na cidade de Araguari: uma análise variacionista. In José Magalhães (org.) *Linguística in Focus: Fonologia*. EDUFU, Uberlândia, 2014, v. 10, p. 269 – 284.

MAGALHÃES, J. S.; BISINOTTO, A. G. O alçamento variável das vogais /e/ e /o/ pretônicas no falar urbano de Ituiutaba-MG. In José Magalhães (org.) *Linguística in Focus: Fonologia*. EDUFU, Uberlândia, 2014, v. 10, p. 229 – 242.

MAGALHÃES, J. S. ; SILVA, A. P. Ainda as proparoxítonas: apagamento e preservação da vogal postônica não final. In Dermeval da Hora (org) *Estudos da linguagem: casamento entre temas e perspectivas*. Ideia/Ed. Universitária, João Pessoa, 2011, v. 1, p. 35 – 40.

MAGALHÃES, J. S. Intuição e realidade nas pesquisas em variação linguística: o caso das vogais pretônicas. In Gisele da Paz Nunes, Grenissa Stafuzza (org) *Diversidade nos estudos linguísticos: língua(gem) e discurso*. Editora da PUC-GO, Goiânia, 2011, v. 1. P. 125 – 136.

MAGALHÃES, J. S. Acento. In Leda Bisol, Luiz Carlos Schwindt (org.), *Teoria da Otimidade: Fonologia*. Pontes, Campinas, 2010, v. 1, p. 93 – 134.

MAGALHÃES, J. S. O subsistema vocálico pretônico do português brasileiro: fotografia histórica. In Dermeval da Hora; Camilo Rosa Silva (org). *Para a História do Português Brasileiro: abordagens e perspectivas*. Ideia, Ed. Universitária, João Pessoa, 2010, v. III, p. 88 – 91.

MAGALHÃES, J. S. A Redução Vocálica no Português Brasileiro por Diferentes Modelos Fonológicos. In Dermeval da Hora (org). *Vogais no Ponto Mais Oriental das Américas*. Ideia/Ed. Universitária, João Pessoa, 2009, v. 1, p. 65 – 88.

MAGALHÃES, J. S. The stress of non-verbs in the Multidimensional Metrical Plane. In Leda Bisol, Cláudia Regina Brescancini (org.) *Contemporary Phonology in Brazil*. Cambridge Scholars Publishing, London, 2008, v. 1, p. 22 – 53.

MAGALHÃES, J. S. A redução vocálica no plano métrico do Português Brasileiro. In Evandro Silva Martins; Waldenice Moreira Cano; Waldenor Barros Moraes Filho (org) *Linguística IN FOCUS: Léxico e morfofonologia: perspectivas e análises*. EDUFU, Uberlândia, 2006, v. 4, p. 328 – 338.

4.2.6- Livros e Periódicos organizados

MAGALHÃES, J. S.; FONSECA, A. A.; LEITE, C. T. (org). *Vereda: Fonologia e Ensino*. UFJF, Juiz de Fora, 2020.

MAGALHÃES, J. S.; MARTINS, M. A.; AGOSTINHO, A. L. (org) *Fórum linguístico: Linguística Formal: uma homenagem à Linguística, uma homenagem a Dermeval da Hora*. UFSC, Florianópolis, 2020.

MAGALHÃES, J. S. (org) *Letras & Letras: Fonética e Fonologia - homenagem a Gisela Collischonn*, EDUFU, Uberlândia, 2016.

MAGALHÃES, J. S.; WATANABE, E. (org). *Horizonte Científico*. EDUFU, Uberlândia, 2016.

MAGALHÃES, J. S. (org) *Linguística in Focus 10: Fonologia*. EDUFU, Uberlândia, 2014.

MAGALHÃES, J. S. (org) *Letras & Letras: Estudos em Fonologia*. EDUFU, Uberlândia, 2012.

MAGALHÃES, J. S.; RIBEIRO, I. M.; CUNHA, J. A. (org) *Literatura e intersecções culturais*. EDUFU, Uberlândia, 2008.

MAGALHÃES, J. S.; TRAVAGLIA, L. C. (org) *Múltiplas perspectivas em Linguística*. EDUFU, Uberlândia, 2008.

4.2.7- Livro publicado

MAGALHÃES, J. S.; HORA, D. *Fonologia, Variação e Ensino*. EDUFRN, Natal. 2ª. Edição revista, ampliada, 2020. 86 páginas. ISBN: 9786586890082

MAGALHÃES, J. S.; HORA, D. *Fonologia, Variação e Ensino*. EDUFRN, Natal. 1ª. Edição. 2016. 84 páginas, ISBN: 9788542506181

4.2.8– Prefácio

MAGALHÃES, J. S. Prefácio da obra “*Pesquisa e(em) ensino de língua portuguesa*”, Maria Elias Soares, Mônica Magalhães Cavalcante (org.), Edições UFC, Fortaleza, 2020.

4.2.9– Participação em eventos, apresentação de trabalhos, palestras e conferências

Desde o início de minha carreira como docente da Universidade Federal de Uberlândia, participei de dezenas de eventos (como ouvinte e/ou também com apresentação de trabalho). Igualmente, proferi dezenas de palestras e conferências. Não discriminarei cada uma dessas atividades aqui; ilustro esta seção apenas com a primeira e com a mais recente apresentação de trabalho feita por mim:

Ano: 1995

Título do trabalho: (Re)produção de texto – o vazio na argumentação

Evento: XLIII Seminário do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo

Local: UNAERP (Ribeirão Preto)

Ano: 2021

Título do trabalho: Percepção da vogal postônica não final a partir do modelo de interação entre percepção e fonologia de Hume e Johnson

Evento: XIX Congresso Internacional da ALFAL (evento remoto)

4.3- Atividades de extensão

i) Letras que Movem...

Como Tutor do Programa de Educação Tutorial dos Cursos de Letras, cujo norte é guiado por ensino, pesquisa e extensão, tive a oportunidade de desenvolver inúmeras atividades extensionistas. Para tanto, propus o **Letras que Movem...**, um programa de extensão amplo capaz de acomodar diferentes projetos.

O **Letras que Movem...** literalmente congregou o ensino, a pesquisa e a extensão. Fortemente calcado no trabalho em grupo, o objetivo central da proposta foi fazer transparecer o poder que as Letras têm de mover o mundo pela linguagem em suas mais diversas concepções e formas de manifestação. Com a aplicação dos conhecimentos adquiridos e produzidos na Universidade, por meio da pesquisa e do ensino, em ações de extensão, este projeto continuou a levar novas possibilidades aos que não têm – ou não tiveram – oportunidade de ampliar sua formação, seja por condição financeira insuficiente, seja por não terem tido formas de acesso a uma educação

de qualidade. O Letras que Movem visou também a incrementar o processo de aprendizagem, contribuindo para a formação cidadã de crianças, jovens e adultos, propiciando-lhes mecanismos para vivenciarem um mundo de culturas e linguagens diferentes, o que levou, inequivocamente, à elevação da qualidade da formação dos alunos de graduação, a diminuição da evasão e a promoção do sucesso acadêmico, valorizando a articulação das atividades de ensino, pesquisa e extensão, além de estimular a vinculação dos Grupos a áreas prioritárias e a políticas públicas e de desenvolvimento, assim como a correção de desigualdades sociais.

Iniciado em 2018, o projeto encontra-se na sua terceira etapa. Na primeira etapa, as atividades foram desenvolvidas em uma escola de formação de jovens e adultos e em escolas de ensino fundamental 1; a segunda etapa alcançou jovens do ensino médio e uma casa de acolhimento de moradores sem teto; a terceira etapa continuou sendo executada na casa de acolhimento e também retornou ao ensino fundamental 1, tendo suas atividades presenciais interrompidas pela pandemia de Covid19 no ano de 2020.

Etapas do Letras que Movem...

2008 a 2016: Letras que Movem...

2016 a 2019: Letras que Movem... Letras e Cidadania

2019 (em andamento): Letras que Movem... Letras Cidadãs

Público: alunos do Ensino Fundamental e de ensino médio, jovens e pessoas da terceira idade.

ii) Têt-à-Pet: Diálogos às terças

Este projeto, iniciado em 2014, tem como objetivo estabelecer uma troca contínua de experiências entre a academia e a comunidade, promovendo especialmente rodas de conversa e debates amplos e abertos com todos os atores da sociedade, independentemente de etnia, condições sociais, orientação sexual, identidade de gênero, crenças religiosas, profissão etc. Numa primeira etapa, as atividades contaram com a participação de pessoas externas ao contexto do Programa de Educação Tutorial; na sua segunda etapa, tem havido a participação efetiva dos egressos do Programa a fim de que compartilhem com toda a comunidade interna e externa suas experiências antes, durante depois de passarem pela Educação Tutorial. Sempre às terças-feiras, reúnem-se alunos do PetLetras, da comunidade Acadêmica e convidados para um apresentações sinceras e despidas de preconceitos, seguida de debates. Os temas giram em torno da vivência, formação e experiência de cada um dos participantes.

Etapas do Têt-à-Pet: Diálogos às terças

2014 a 2016: primeira etapa

2016 (em andamento): segunda etapa

Público-alvo: todos os membros da sociedade, independentemente de etnia, condições sociais, orientação sexual, identidade de gênero, crenças religiosas, profissão etc.

4.4– Atividades de gestão

4.4.1- Coordenação do Curso Letras: Língua Portuguesa com Domínio de Libras (LPDL)

A criação do Curso de Letras: Língua Portuguesa com Domínio em Libras (LPDL) foi uma das tarefas das quais também muito me orgulho. Coordenei a comissão responsável pela elaboração do Projeto Pedagógico e, para dar início ao curso, fui seu primeiro Coordenador. Confesso, contudo, que não tenho muita aptidão para atuar como gestor, razão pela qual antes que se completasse um ano coordenando o curso, pedi exoneração do cargo.

Período: novembro de 2013 a outubro de 2014

4.4.2 – Coordenação de Cursos de Pós-Graduação Lato Sensu

Até meados dos anos 2000, o Instituto de Letras e Linguística oferecia, com frequência, curso de Pós-Graduação Lato Sensu, alguns coordenados por mim, entre os quais destaco dois:

Curso: CEELL - Especialização em Linguística Aplicada

Período: agosto de 2005 a dezembro de 2006

Curso: ELING – Especialização em Linguística: fundamentos para ensino e pesquisa

Período: agosto de 2006 a dezembro de 2007

4.4.3- Outras atividades de gestão

i) Criador, editor e coordenador da Revista AMARgem

Período: agosto de 2008 até o presente

ii) Coordenador da Revista Letras & Letras

Período: junho de 2013 a junho de 2014

iii) Coordenador de banca de correção de questões discursivas do Vestibular da UFU

Período: 2002

iv) Membro do Colegiado do Curso de Letras; membro do colegiado do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos; Coordenador do Núcleo de Língua Portuguesa e Linguística.

4.5- Outras atividades

i) Coordenador Adjunto da Área de Linguística e Literatura (CAPES)

Assumi esta função em maio de 2018. Desde então, tenho estabelecido diálogo direto com os coordenadores dos 163 Programas de Pós-Graduação da Área de Linguística e Literatura. Esse trabalho, embora árduo e sem qualquer apoio da minha instituição, tem me proporcionado conhecer com profundidade os cursos de mestrado e doutorado da Área, bem como todos os atores que fazem parte do sistema de pós-graduação: alunos, professores, gestores, técnicos e o próprio comando na CAPES. Faz-se mister registrar, neste ponto, a confiança em mim depositada pelo Prof. Dermeval da Hora ao indicar meu nome para esta função, bem como a parceria contínua com a Coordenadora da Área, Prof. Germana Sales (UFPA), e com a Coordenadora Adjunta dos programas profissionais, Profa. Mírian Zaponne (UEM).

Período: maio de 2018 até o presente

ii) Tutor do Programa de Educação Tutoria dos Cursos de Letras UFU

Esta, sem dúvida, é uma das atividades profissionais que mais me proporciona alegrias. Como tutor de 12 bolsistas, acompanho esses alunos desde sua entrada no Programa, normalmente a partir do segundo período do curso até a sua formatura, orientando-os, mostrando-lhes caminhos, ouvindo-os e executando, juntos, projetos de ensino, pesquisa e extensão. Estar do lado desses alunos, compartilhar com eles conhecimentos, vivências, experiências e

testemunhar seu progresso, seu amadurecimento acadêmico e pessoal é o melhor retorno que um professor pode ter em sua trajetória.

Período: agosto 2016 até o presente

iii) Membro do Conselho Editorial de Periódicos Científicos

Atuo como membro do conselho científico/editorial dos seguintes periódicos: Letras & Letras (UFU); Domínios de Lingu@gem (UFU); Revista da ANPOLL; (Con)textos Linguísticos (UFES); Revista do GELNE (UFRN); Veredas (UFJF); Todas as Letras (UPM- Mackenzie); SEDA (UFRRJ), RE-UNIR (UNIR)

iv) Organização de eventos

Durante a minha carreira, organizei ou participei como membro da comissão organizadora de vinte e oito eventos. Destaco, a seguir, o primeiro e o último evento em que atuei como organizador. O primeiro contou com mais de dois mil participantes presentes, revelando-se um enorme desafio para mim, que acabara de voltar à UFU, depois de uma licença de quatro anos para cursar o doutorado. É até hoje o maior evento já realizado no Instituto de Letras e Linguística da UFU.

Primeiro evento: SILEL 2006 - XI Simpósio Nacional e I Simpósio Internacional de Letras e Linguística

Local: UFU

Ano: 2006

Evento mais recente: Semana Nacionas de Letras - UFU

Local: UFU (remoto)

Ano: 2021

v) Membro de banca de qualificação (mestrado e doutorado)

Ao longo de minha carreira participei de quarenta e três bancas de exames de qualificação de mestrado e doutorado. Creio não ser necessário registrar todas essas participações. Destaco apenas a primeira e mais recente participação.

Ano: 2005

Título: Tu e você em uma perspectiva intralinguística

Mestranda: Kerlly Karine Pereira Herênio (PPGEL/UFU)

Orientadora: Maura de Alves Freitas Rocha

Ano: 2020

Título: O papel da consciência fonológica em dificuldades específicas de escrita de alunos do 5º ano do ensino fundamental da rede pública do estado do Pará

Doutoranda: Maria Lúcia Ferreira dos Santos (PPGL/UFPA)

Orientadora: Gessiane de Fátima Lobato Picanço

vi) Membro de banca de defesa de Mestrado

Como membro de banca de defesa de Mestrado, participei de trinta e nove comitês. Registro também a primeira e a mais recente participação.

Ano: 2006

Título: Tu e você em uma perspectiva intralinguística

Mestranda: Kerlly Karine Pereira Herênio (PPGEL/UFU)

Orientadora: Maura Alves de Freitas Rocha

Ano 2020

Título: Uma análise sobre a hipo e a hipersegmentação na escrita de alunos do 7º ano

Mestranda: Gleika Rodrigues Barbosa de Aguiar (UFRPE)

Orientadora: André Pedro da Silva

vii) Membro de banca de defesa de Doutorado

Participei, ao longo de minha carreira, de vinte e quatro duas bancas de defesa de tese de doutorado. Da mesma forma que procedi com as bancas anteriores, registro aqui apenas a primeira e a mais recente participação.

Ano: 2007

Título: Opacidade e Teoria Fonológica: de Regras a Restrições

Doutoranda: Cristine Ferreira Costa (PPGL/UFRGS)

Orientadora: Gisela Coslischonn

Ano: 2021

Título: Professora, tem erro aqui? carangueijo, sisnei e alçe: Consciência Fonológica e Dificuldades de Escrita em Alunos do 5º Ano de Três Escolas Públicas de Belém-Pará

Doutoranda: Maria Lúcia Ferreira dos Santos (PPGL/UFPA)

Orientadora: Gessiane de Fátima Lobato Picanço

viii) Participação em banca de Concurso Público

- a- Membro de banca de concurso para Professor Adjunto, Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ. 2018.
- b- Membro de banca de concurso Público para Professor Adjunto A, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, SP. 2014.
- c- Presidente de banca de concurso Público para Professor Adjunto 1 do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia. 2011.
- d- Membro de Banca de concurso para Professor Adjunto 1, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, MG. 2009.
- e- Presidente de banca de concurso Público para Professor Adjunto 1 do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia. 2009.
- f- Presidente de banca de concurso Público para Professor Adjunto 1 do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia. 2008.
- g- Presidente de banca de concurso público para professor Adjunto do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia. 2005.
- h- Membro de banca de concurso público para prof. substituto do Instituto de Letras de Linguística da UFU. 2005.
- i- Membro de banca de concurso para Professor Substituto no Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia. 2000.

ix) Coordenador do Projeto 19 (ALFAL) – Fonologia: Teoria e Análise

Período: agosto de 2017 – atual

ix) Coordenador da área de Fonologia, Variação e Ensino do ProfLetras – Mestrado Profissional em Letras

Período: 2013 – atual

x) Coordenador do GT de Fonética e Fonologia da ANPOLL

Período: 2014 – 2018

xi) Membro do Conselho Executivo da ABRALIN (Associação Brasileira de Linguística)

Período: 2017 – 2021

xii) Chefe da Delegação Brasileira da ALFAL (Associação de Linguística e Filologia da América Latina)

Período: agosto/2017 – atual

xiii) Membro de Sociedades científicas

a- Associação Brasileira de Linguística/ABRALIN;

b- Associação de Linguística e Filologia da América Latina/ALFAL;

c- Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste (GELNE);

d- Grupo de Estudos Linguísticos de São Paulo (GEL).

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrever é uma arte; uma arte bastante complexa e difícil, ainda que prazerosa. Escrever em primeira pessoa do singular talvez seja ainda mais difícil e inquietante. Este memorial, em que me expressei em primeira pessoa, forçou-me a me desnudar para mim mesmo, ainda que outros venham dele tomar conhecimento. Os leitores, contudo, por mais que passem a conhecer neste texto a minha trajetória, não poderão dar conta integralmente das idas e vindas de mim para mim mesmo neste longo percurso de escrita (e de vida). Mas poderão intuir sobre como o professor, o pesquisador, o orientador, o tutor e, sobretudo, o ser humano José Sueli de Magalhães se erigiu dos campos do cerrado mineiro, no distrito de Monjolinho de Minas, ao Campus Santa Mônica da Universidade Federal de Uberlândia.

Quis neste texto revelar que meu caminho, por vezes espinhoso, por vezes florido, não percorri sozinho. Esta não é uma opção para ninguém. Para mim, asseguro, nunca foi e, mesmo que eu pudesse optar, jamais escolheria seguir sozinho, pois assim não conseguiria.

Nada foi fácil, mas também nada foi impossível. Obstáculos, pontes quebradas, rios de águas turvas... não foram forças suficientes para me fazerem desistir, pois sempre havia alguém do meu lado. Sei que a estrada não chegou ao fim; ainda há muito a caminhar. A vida é constituída de ciclos, e aqui vão se fechando as cortinas de mais um dentre tantos outros que virão. Como foi até aqui, continuarei a “Fazer da interrupção um caminho novo. Fazer da queda um passo de dança, do medo uma escada, do sono uma ponte, da procura um encontro”²³.

Recentemente, fui instado a responder o que eu ainda planejo fazer na vida, ao que respondi: há muito ainda ser feito, mas tenho a certeza de que qualquer coisa que eu fizer será do lado de quem me faz bem de quem eu possa fazer bem.

Uberlândia, 04 de fevereiro de 2022

José Sueli de Magalhães

²³ SABINO, Fernando. O encontro marcado. São Paulo, Ed. Record. 1995.